

BARRY EISLER

TOKYO KILLER

Tradução de Luís Coimbra



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina



ESTE ROMANCE É DEDICADO A TRÊS PESSOAS
QUE NÃO ESTÃO CÁ PARA LÊ-LO.

AO MEU PAI, EDGAR, QUE ME DEU FORÇA.
À MINHA MÃE, BARBARA, QUE ME DEU DISCERNIMENTO.
AO MEU IRMÃO, IAN, QUE ME AJUDOU A ESCALAR A MONTANHA
E CUJA MEMÓRIA NÃO DEIXA DE PUXAR POR MIM.

*Nos tempos de mudança, foram como relâmpagos no Outono,
como algo fora de época, como promessa vã de chuva que cairia
despercebida em campos já despidos.*

— SHOSABURO ABE, *sobre os samurais da era Meiji.*

PARTE UM

*Quem é o terceiro que caminha a teu lado?
Ao contar, só estamos tu e eu juntos,
Mas olhando ao fundo a rua branca,
Vejo sempre outro em caminho a teu lado,
Desliza envolto em manta parda, encapuçado,
Não sei se é homem, se mulher,
— Mas quem é o outro que vai a teu lado?*

— T.S. ELIOT, *The Waste Land*



1

Q Harry atravessava a multidão matinal à hora de ponta como uma barbatana de tubarão a cortar as águas. Eu seguia vinte metros mais atrás, do outro lado da rua, a transpirar como todos os demais em Tóquio naquele calor extemporâneo para Outubro, e não pude deixar de admirar quão bem o putinho tinha aprendido o que lhe ensinara. Parecia líquido na forma como deslizava por um espaço imediatamente antes de este se fechar, ou como voltava à esquerda para evitar um estreitamento emergente. As mudanças na cadência do Harry concretizavam-se tão suavemente que ninguém se aperceberia da sua mudança de velocidade para encurtar a distância em relação ao nosso alvo, que descia agora com uma pressa quase manifesta a rua Dogenzaka, rumo à estação de Shibuya.

O nome do alvo era Yasuhiro Kawamura. Tinha feito carreira como burocrata ligado ao Partido Liberal Democrata, ou PLD, a coligação política que tem vindo a governar o Japão quase ininterruptamente desde a guerra. Actualmente ocupava o cargo de vice-ministro do Território e das Infra-Estruturas no Kokudokotsusho, estrutura sucessora dos antigos ministérios da Construção e dos Transportes, onde certamente tinha feito qualquer coisa para ofender gravemente alguém, porque ofensas graves são as únicas razões pelas quais alguma vez sou contactado por um cliente.

Ouvi a voz do Harry no meu ouvido:

— Vai entrar na frutaria Higashimura. Vou posicionar-me mais à frente. — Ambos trazíamos receptores de fabrico dinamarquês controlados por microprocessador, suficientemente pequenos para os escondermos no canal auricular, onde seria preciso uma lanterna para encontrá-los. Tínhamos transmissores de voz sensivelmente do mesmo tamanho por bai-

xo das lapelas dos casacos. As transmissões eram feitas por ondas UHF, o que as torna muito difíceis de detectar para quem não sabe exactamente o que procura, e que eram codificadas para o caso de alguém saber. O equipamento livrava-nos de termos de manter contacto visual constante e permitia-nos continuar a avançar um pouco mais se o alvo parasse ou mudasse de direcção. Sendo assim, embora eu estivesse demasiado recuado para o ver, sabia para onde Kawamura tinha entrado e pude continuar a andar durante algum tempo antes de ser obrigado a parar, para me manter colocado atrás dele. Fazer vigilância sozinho é difícil, e fiquei satisfeito por ter o Harry comigo.

A cerca de vinte metros da Higashimura, virei para dentro de uma farmácia, uma de dezenas de estabelecimentos de fachada aberta que ladeiam a Dogenzaka, rentabilizando a obsessão japonesa por panaceias e pelo combate aos germes. Shibuya é o território de diversas *buzoku*, ou tribos, e muitas delas tinham ali representantes naquela manhã, unidos pela necessidade comum de tomar uma das bebidas energéticas engarrafadas mais populares em que as farmácias se especializaram, tónicos que se dizem enriquecidos com *ginseng* e outros ingredientes exóticos, mas oferecem em vez disso uma dose bem mais prosaica de cafeína vulgar. Na fila para a caixa viam-se vários *sarariman* – trabalhadores assalariados, soldados rasos corporativos – de fatos cinzentos, rostos fechados, pastas baratas penduradas em mãos cansadas, a fortalecerem-se para mais um dia igual aos outros nos dentes da engrenagem empresarial. Por trás deles, duas adolescentes de rostos vazios, cabelos reduzidos a uma fragilidade de palha-de-aço pelas tintas que usavam para os pintarem de laranja, narizes furados com argolas descomunais, roupa escolhida com a intenção de proclamar a rejeição do rumo tradicional escolhido pelos *sarariman* que estavam à sua frente, mas sem evidenciarem qualquer noção da alternativa que teriam preferido a esse caminho. E um reformado grisalho, de carnes caídas mas cara estranhamente alegre, que provavelmente estaria em Shibuya para desfrutar dos famosos serviços sexuais oferecidos naquela zona, pelos quais pagaria a partir de uma conta de poupança-reforma que escondia da esposa, ignorando que a legítima sabia das suas escapadelas e simplesmente não se importava com elas.

Quis dar cerca de três minutos a Kawamura para ir buscar a sua fruta antes de sair dali, portanto fui apreciando um mostruário de ligaduras que me dava vista para a rua. O modo como ele se tinha esquivado para dentro da loja parecia uma manobra deliberada para obrigar qualquer vigilante a expor-se, e não gostei disso. Se não estivéssemos comunicáveis, como era o caso, o Harry teria tido de fazer uma travagem brusca para manter a sua posição atrás do alvo. Talvez se tivesse visto obrigado a fazer algo de ridícu-

lo, como apertar o sapato ou parar a ler um sinal de trânsito, e Kawamura, que provavelmente estaria à espreita na entrada da loja, teria acabado por topá-lo. Em vez disso, eu sabia que o Harry continuaria em frente, passando pela frutaria; pararia cerca de vinte metros mais adiante, dir-me-ia a sua localização e deixar-se-ia ficar para trás quando eu o avisasse de que o cortejo estava outra vez em andamento.

A frutaria era um bom sítio para fazer um desvio, sim senhor – demasiado bom para ter sido escolhido ao acaso por um conhecedor do percurso. Mas eu e o Harry não nos íamos deixar expor por manobras amadoras tiradas de algum panfleto antiterrorista do Governo. Esse treino também eu tinha recebido, portanto sei bem a utilidade que tem.

Saí da farmácia e continuei a descer a Dogenzaka, mais devagar do que dantes, porque havia que dar tempo a Kawamura para sair da loja. Passaram-me a correr pela cabeça pensamentos fugazes: há gente que chegue entre nós para lhe tapar a visão caso se vire à saída? Que lojas ficam no caminho, para o caso de ter de me esconder de repente nalguma delas? Está alguém a olhar para cá, para quem vai no sentido da estação, talvez para ajudar Kawamura a detectar possíveis vigilantes? Se eu já tivesse chamado a atenção de alguém que estivesse a fazer contra-vigilância, talvez me topassem agora, porque antes tinha vindo a apressar o passo para me manter a par do alvo e ia agora com mais calma, já que quem vai a caminho do trabalho não muda de velocidade assim. Mas quem ia à cabeça do pelotão, na posição mais visível, era o Harry e eu não tinha feito nada para criar suspeitas até ter parado na farmácia.

Tornei a ouvir a voz do Harry:

— Estou no um-zero-nove — querendo com isso dizer que tinha entrado no célebre armazém 109, marco famoso pela sua colecção de 109 restaurantes e boutiques da moda.

— Mal escolhido — disse eu. — O primeiro piso só vende lingerie. Vais tentar camuflar-te no meio de cinquenta miúdas adolescentes, vestidas de farda colegial, a escolher sutiãs acolchoados?

— A minha ideia era esperar à porta — respondeu, e imaginei-o logo a corar.

A entrada do 109 é um ponto de encontro concorrido, habitualmente repleto de uma colectânea poliglota de transeuntes. — Desculpa, pensei que te fosses esconder no meio da lingerie — comentei, tentando conter a vontade de rir. — Deixa-te ficar aí e espera que te faça sinal quando passarmos.

— Certo.

Só faltavam dez metros para chegar à frutaria e ainda não via sinais de Kawamura. Ia ter de abrandar o passo. Estava do lado oposto da rua, prova-

velmente fora do alcance da atenção de Kawamura, portanto podia dar-me ao luxo de parar, ponto final, talvez para fingir que mexia no telemóvel. Mesmo assim, se ele olhasse para lá, ver-me-ia ali plantado, embora, graças aos traços japoneses que herdara do meu pai, não me ser difícil perder-me no meio da multidão. O Harry, diminutivo de Haruyoshi, sendo filho de pais que eram ambos japoneses, nunca teve de se preocupar com a hipótese de destoar dos circundantes.

Quando voltei para Tóquio em inícios da década de oitenta, o cabelo castanho, que tinha herdado da mãe, funcionava tão bem para mim como um colete fluorescente para um caçador, e tive de pintá-lo de preto para cultivar o anonimato que me protege agora. Mas nos últimos anos, o país ficou louco por *chappatsu*, cabelos pintados da cor do chá, e já não tenho de ser tão cuidadoso com a coloração. Gosto de dizer ao Harry que vai ter de apostar no *chappatsu* se quiser integrar-se, mas o Harry é um perfeito *otaku*, é totó demais para perder muito tempo a pensar em questões como a sua aparência. De qualquer maneira, suponho que ele não tenha muitas virtudes à partida que possa explorar: um sorriso sem jeito que é oferecido com cara de quem está à espera de levar pancada, uma tendência para pestanejar rapidamente quando está excitado, uma cara que nunca perdeu as bochechas de bebé, cujo ar roliço é sublinhado por uma guedelha preta e espessa que, nos seus piores dias, quase que parece pairar-lhe por cima da testa. Mas as mesmas qualidades que o mantêm afastado das capas de revista conferem-lhe a discrição que o torna eficaz na vigilância.

Eu tinha chegado ao ponto em que já estava convencido de que ia ser obrigado a parar, quando Kawamura saiu da frutaria e reentrou no trânsito pedestre. Deixei-me atrasar o mais possível para aumentar o intervalo entre nós, vendo a cabeça dele a subir e a descer pela rua abaixo. Era alto, para um japonês, o que facilitou a tarefa, mas vestia um fato escuro como noventa por cento dos demais na multidão – eu e o Harry inclusive, naturalmente, portanto não podia deixá-lo distanciar-se muito.

No preciso momento em que eu tinha recuperado a distância certa, ele travou e virou-se para acender um cigarro. Continuei a avançar lentamente, mais atrás e à direita do grupo de pessoas que nos separava, ciente de que ele não me toparia se me deslocasse juntamente com a multidão. Mantive a atenção concentrada nas costas dos fatos que tinha à frente, como se fosse só mais um trabalhador em trânsito, vítima da modorra matinal. Passado um momento, ele voltou-se e retomou a marcha.

Deixei escapar um ténue sorriso de satisfação. Os japoneses não costumam parar para acender cigarros; se parassem, perderiam semanas inteiras de tempo útil no decurso da vida adulta. Além disso, não havia qualquer razão, nem uma ventania tão grande a ameaçar apagar-lhe o fósforo, que jus-

tificasse virar-se para a multidão que tinha atrás. A tentativa manifesta de Kawamura para fazer contra-vigilância limitou-se a confirmar a sua culpa.

Culpa do quê, não sabia eu, e a verdade é que nunca perguntaria. Só faço questão de levantar um pequeno número de dúvidas: o alvo é um homem? Não trabalho contra mulheres nem crianças. Já contrataram mais alguém para resolver o assunto? Não quero que a minha operação seja empatada pela equipa B que alguém se lembrou de constituir, e quem me queira contratar, fá-lo em exclusivo. O alvo é o principal visado? Resolvo os problemas directamente, como o soldado que em tempos fui, e não enviando mensagens através de terceiros, desligados do assunto, como se fosse um terrorista. É por causa das preocupações subjacentes a esta última pergunta que gosto de ver provas independentes de culpabilidade: confirmo assim que o alvo é, sem dúvida, o principal visado e não um inocente que não imagina o que se passa.

Houve duas ocasiões, ao longo de dezoito anos de trabalho, em que a ausência dessas provas fez com que me coibisse de agir. Uma vez, fui enviado para atacar o irmão do director de um jornal que andava a publicar histórias sobre corrupção no concelho de um determinado político. Na outra, fui contratado para atacar o pai de um apologista de reformas no sector bancário que se mostrou excessivamente zeloso na investigação da verdadeira dimensão e natureza das dívidas de cobrança duvidosa da sua instituição. Estaria disposto a agir directamente contra o director e o reformista, assim me houvessem contratado para isso, mas pelos vistos os clientes em causa tinham motivos para adoptar um caminho mais tortuoso, que passava por me induzirem em erro. Claro que deixaram de ser meus clientes. A título definitivo.

Não sou mercenário, embora em tempos não tenha sido mais do que isso. E embora leve uma vida de certa forma dedicada ao serviço, também já não sou samurai. A essência do samurai não se limita ao serviço, passando também pela lealdade ao mestre, a uma causa superior ao próprio. Houve uma altura em que fui fervorosamente fiel, altura em que, imbuído da ética samurai que tinha bebido de romances escapistas e livros de banda desenhada quando era miúdo, no Japão, estava preparado para morrer ao serviço dos meus suseranos adoptivos, os Estados Unidos. Mas amores irreflectidos e não retribuídos como esse nunca duram, e costumam ter um final dramático, como teve o meu. Hoje em dia sou um realista.

Quando estava a chegar ao 109, disse:

— Vou passar. — Não o disse falando para a minha lapela, nem nenhuma parvoíce dessas; os transmissores são suficientemente sensíveis para escusarmos de fazer qualquer movimento subtil, daqueles que mais parecem sinais luminosos aos olhos de uma equipa de contra-vigilância

bem treinada. Não que houvesse alguma por perto, mas devemos contar sempre com o pior. O Harry saberia assim que eu ia passar pela posição dele e havia de seguir atrás de mim momentos mais tarde.

Diga-se de passagem, a popularidade dos telemóveis com auricular torna este tipo de trabalho mais fácil do que alguma vez tinha sido. Antigamente, qualquer pessoa que se visse a andar sozinha e a falar entre dentes, ou era demente, ou era agente dos serviços de segurança ou de informação. Hoje em dia passamos a vida a ver esse tipo de comportamento na geração *keitai*, ou geração do telemóvel japonesa.

O semáforo ao fundo da Dogenzaka estava vermelho, e a multidão pareceu coagular na aproximação ao cruzamento de cinco ruas em frente à estação de caminhos-de-ferro. Letreiros luminosos berrantes e ecrãs gigantesco multiplicavam-se em clarões frenéticos nos edifícios à nossa volta. Um camião a diesel arranhou a caixa de velocidades ao lavrar caminho pelo meio do cruzamento, pesadão como uma barça em rio lodoso, armado de altifalantes que distorciam hinos patrióticos de direita, abafando momentaneamente as campainhas que os trabalhadores em trânsito montados em bicicletas tocavam para afastarem os peões da frente. Um vendedor ambulante bordejava pelo meio da turba a empurrar o seu carrinho de mão à frente, com suor a escorrer-lhe pelas faces, um rasto ziguezagueante de cheiro a peixe cozido e arroz na sua esteira. Um sem-abrigo de idade indecifrável, provavelmente um *ex-sarariman* que perdera o emprego e as amarras com o rebentar da bolha em finais da década de oitenta, dormia encostado ao poste de um candeeiro de rua, insensibilizado pelo álcool ou pelo desespero perante o turbilhão em seu redor.

O cruzamento na Dogenzaka é sempre assim, seja noite ou seja dia, e à hora de ponta, quando o semáforo fica verde, mais de trezentas pessoas descem do passeio no mesmo instante, com mais vinte e cinco mil à espera no magote mais atrás. Dali em diante, o caminho seria feito ombro com ombro, peito com costas. Agora teria de me colar a Kawamura, sem mais de cinco metros de intervalo, o que colocaria cerca de duzentas pessoas entre nós dois. Sabia que ele tinha passe social e escusaria de ir à bilheteira automática. Eu e o Harry compráramos bilhetes antecipadamente, de modo a podermos segui-lo para além dos torniquetes. Não que o revisor desse por nós se não pagássemos. À hora de ponta, estão praticamente entorpecidos pelas hordas; podemos mostrar-lhes qualquer coisa, provavelmente até um cromó da bola, que nos deixam passar à vontade.

A luz do semáforo mudou e as multidões entrecruzaram-se como no campo de batalha de um qualquer épico medieval. Terá sido algum radar invisível, de que estou convencido que só os habitantes de Tóquio estão providos, a impedir colisões em massa de sucederem no meio da rua. Vi Kawa-

mura fazer uma diagonal rumo à estação e coloquei-me atrás dele quando passou por mim. Havia cinco pessoas entre nós quando irrompemos rente ao guiché da bilheteira. Agora tinha de me manter próximo. Seria um caos quando o comboio chegasse: cinco mil pessoas a jorrar cá para fora, cinco mil encarreiradas em filas de quinze, à espera de entrarem, todos a tentarem conquistar uma melhor posição. Os estrangeiros que consideram o Japão uma sociedade bem educada nunca andaram na linha Yamanote à hora de ponta.

O mar de gente correu escada acima e desembocou na plataforma, e os sons e cheiros da estação pareceram despertar uma sensação de urgência acrescida na turba. Estávamos a nadar contra a corrente de pessoas acabadas de sair do comboio e, chegados à plataforma, já as portas das carruagens se fechavam, entalando malas de senhora e um ou outro cotovelo mais saliente. Quando passámos o quiosque a meio da plataforma, a última carruagem ultrapassou-nos e sumiu-se momentos depois. O próximo comboio chegaria dali a dois minutos.

Kawamura arrastou os pés até ao meio da plataforma. Continuei atrás dele, mas afastado dos carris, evitando ficar na sua esteira. Ele ia olhando para as duas pontas da plataforma, mas mesmo que me tivesse visto a mim ou ao Harry anteriormente, encontrar-nos à espera do comboio não haveria de enervá-lo. Metade das pessoas que ali esperavam tinha acabado de chegar vinda da Dogenzaka.

Senti o retumbar do comboio seguinte, altura em que o Harry passou por mim disparado como um caça a comunicar com a torre de controlo do porta-aviões, com o mais ligeiro aceno da sua cabeça a indicar-me que o resto era comigo. Tinha-lhe dito que só precisava da sua ajuda até Kawamura entrar no comboio, que fora para onde se dirigira durante todas as nossas operações de vigilância anteriores. O Harry fizera um bom trabalho, como sempre, auxiliando-me na aproximação ao alvo e, de acordo com o nosso guião, estava na hora de sair de cena. Fiquei de contactá-lo mais tarde, quando tivesse concluído os aspectos solitários da missão.

O Harry julga que sou um investigador privado e que me limito a seguir estas pessoas para todo o lado, a recolher informação. Para evitar as suspeitas que suscitaria uma taxa de mortalidade excessivamente elevada entre os sujeitos que perseguimos, muitas vezes mando-o seguir pessoas em quem não tenho o menor interesse, que me dão evidentemente alguma cobertura ao continuarem a viver as suas vidas, felizes, sem imaginarem aquilo que se passou. Além disso, quando possível, evito partilhar o nome do alvo com o Harry, para minimizar as hipóteses de ele se deparar com demasiados obituários coincidentes. Ainda assim, alguns dos nossos sujeitos têm o hábito de falecer depois da vigilância, e sei que o Harry tem um

espírito curioso. Até agora, nunca me perguntou nada, o que é bom. Vejo o Harry como uma mais-valia e não gostaria que se tornasse num risco.

Aproximei-me por trás de Kawamura, como se fosse só mais um trabalhador em trânsito a tentar ganhar melhor posição para embarcar no comboio. Esta era a parte mais delicada da operação. Se metesse a pata na poça, ele topava-me e seria difícil acercar-me o suficiente para fazer uma segunda tentativa.

A minha mão direita mergulhou no bolso das calças e tocou num íman controlado por microprocessador, que tinha aproximadamente o peso e a dimensão de uma moeda de vinte e cinco cêntimos. Numa das faces, o íman estava forrado com fazenda de lã azul, a condizer com o fato que Kawamura trazia vestido. Caso tivesse sido necessário, podia ter descascado a camada azul para expor uma camada cinzenta, que era a outra cor favorita de Kawamura. Na face oposta do íman havia uma superfície adesiva.

Retirei o íman do bolso e escondi-o de vista na concha da mão. Teria de esperar pelo momento certo, quando Kawamura estivesse distraído. Bastaria que estivesse ligeiramente entretido. Talvez quando entrássemos no comboio. Descolei o papel encerado que tapava o adesivo e amarrotei-o no bolso esquerdo das calças.

O comboio emergiu ao fundo da plataforma e veio disparado na nossa direcção. Kawamura tirou um telemóvel do bolso do peito. Começou a marcar um número.

Pronto, é agora. Passei rente a ele, colocando-lhe o íman no casaco, mesmo por baixo da omoplata esquerda e afastei-me um bom bocado na plataforma.

Kawamura falou ao telefone durante apenas alguns segundos, demasiado baixo para o ouvir no meio do chiar dos travões do comboio que abrandava até estacar à nossa frente, e então devolveu o telefone ao bolso do lado esquerdo do casaco. Perguntei-me a quem teria telefonado. Não fazia diferença. Duas paragens mais à frente, no máximo três, estaria tudo resolvido.

O comboio parou e as portas abriram, escoando uma torrente humana. Quando a descarga se reduziu a um fio, as fileiras que esperavam de cada lado das portas desfizeram-se e escorreram para dentro das carruagens, como se alguém tivesse carregado no botão para inverter o sentido de um aspirador gigantesco. As pessoas não paravam de encafuar-se na carruagem apesar dos avisos de que «As portas vão fechar» e o maciço de trabalhadores em trânsito inchou até estarmos todos firmemente fixos no lugar, sem necessidade de nos agarrarmos às pegadas pois não havia para onde cairmos. Fecharam as portas, a carruagem deu um solavanco para a frente, e arrancámos.

Expirei lentamente e rodei a cabeça de um lado para o outro, ouvindo o estalar dos ossos do pescoço, sentindo desaparecerem os últimos vestígios de nervosismo enquanto nos aproximávamos dos instantes finais. Sempre fora assim comigo. Quando era adolescente, morei algum tempo numa povoação que era atravessada por uma rede de desfiladeiros e, nalguns deles, podíamos pular dos penhascos para dentro de fundões onde nadávamos. Eu via os miúdos mais crescidos fazerem isso a toda a hora – os penhascos não pareciam assim tão altos. No entanto, da primeira vez que trepei lá acima e olhei para baixo, nem quis acreditar na altura a que estava e fiquei paralisado. Mas os outros putos estavam a assistir. Nesse preciso momento soube que, por mais medo que tivesse, independentemente do que pudesse acontecer, ia mergulhar e alguma parte instintiva do meu ser desligou a minha percepção de tudo excepto da acção simples e muscular de correr em frente. Não tive noção de mais nada, nenhuma noção de um futuro além daqueles passos convictos. Lembro-me de ter pensado que nem sequer importava se morresse.

Kawamura estava em frente à porta, numa ponta da carruagem, a cerca de um metro da minha posição, com a mão direita agarrada a uma das barras de apoio. Agora era preciso manter-me próximo dele.

Tinham-me dado indicações para que isto parecesse natural, o que era a minha especialidade e a razão para haver sempre procura pelos meus serviços. O Harry tinha obtido a história clínica de Kawamura dos arquivos médicos do Hospital Universitário Jikei, esta mostrou-me que ele padecia de um problema clínico denominado bloqueio aurículo-ventricular completo e devia a sua sobrevivência a um *pacemaker* que lhe fora implantado cinco anos antes.

Voltei-me de modo a ficar de costas para as portas – foi um pequeno atentado às escassas regras de etiqueta vigentes nos comboios de Tóquio, mas não queria que ninguém que soubesse inglês visse as indicações que iam aparecer no ecrã do PDA que trazia comigo. Tinha instalado um programa de avaliação cardíaca no aparelho, o tipo de ferramenta que os médicos usam para calibrar o *pacemaker* do paciente; e tinha configurado tudo de modo que o PDA transmitisse instruções por infravermelhos ao íman de controlo. A única diferença entre a minha situação e a de um cardiologista estava no facto de o meu aparelho ser miniaturizado e sem fios. Isso e o facto de eu nunca ter feito o juramento de Hipócrates.

O PDA já estava ligado e em estado suspenso, de maneira que se acendeu num instante. Baixei o olhar para o ecrã. Vi piscar as letras «*pac-ing parameters*». Carreguei na tecla *Enter* e o ecrã mudou, mostrando-me as opções: «*threshold testing*» e «*sensing testing*». Seleccionei a primeira e foram-me apresentados vários parâmetros: frequência cardíaca, largura e

amplitude de estímulo. Seleccionei a opção de frequência cardíaca e programei rapidamente o *pacemaker* para o limite mínimo permitido: 40 pulsações por minuto, depois regressei ao menu anterior e seleccionei a largura de estímulo. O ecrã indicou-me que o *pacemaker* estava programado para aplicar impulsos eléctricos com durações de 0.48 milésimos de segundo. Diminuí a largura de estímulo o mais possível, depois passei à amplitude. O aparelho estava pré-definido para trabalhar a 8.5 volts e comecei a baixar meio volt de cada vez. Quando tinha baixado dois volts, apareceu no ecrã: «diminuí a amplitude em dois volts. Tem a certeza que pretende continuar a diminuir a amplitude?» Respondi «sim» e continuei, repetindo a sequência cada vez que lhe tirava dois volts.

Quando o comboio chegou à estação de Yoyogi, Kawamura saiu. Seria aquela a sua paragem? Isso era um problema: os infravermelhos do aparelho tinham alcance limitado e seria complicado trabalhar com o PDA e seguir o homem de perto ao mesmo tempo. *Raios partam, só preciso de mais uns segundos*, pensei, preparando-me para sair atrás dele. No entanto, o alvo só estava a deixar passar as pessoas que tinha atrás de si e parou à porta da carruagem. Depois de terem saído todos os passageiros com destino a Yoyogi, voltou a entrar, seguido de perto por diversas pessoas que esperavam na plataforma. As portas fecharam-se e tornámos a arrancar.

Quando cheguei aos dois volts, o ecrã avisou-me de que estava prestes a atingir o limite mínimo para a intensidade de corrente e seria perigoso continuar a diminuí-la. Ignorei o aviso e reduzi mais meio volt, levantando o olhar para Kawamura à medida que o fazia. Ele ainda não tinha mudado de posição.

Quando baixei para um só volt e tentei continuar, no ecrã piscou a mensagem: «a sua selecção vai programar a unidade para a intensidade mínima de corrente. Tem a certeza que quer fazer esta selecção?» Escolhi «sim.» De qualquer maneira, tornei a pedir-me a confirmação: «programou a unidade para a intensidade mínima de corrente. Faça o favor de confirmar.» Tornei a escolher «sim.» Houve um segundo de espera antes de no ecrã começarem a piscar letras em negrito: valores inaceitáveis. Valores inaceitáveis.

Fechei a tampa, mas deixei o PDA ligado. Reiniciaria automaticamente. Havia sempre a possibilidade de a sequência de operações não ter funcionado à primeira e queria poder fazer nova tentativa, se fosse necessário.

Não foi preciso. Quando o comboio chegou à estação de Shinjuku e parou com um solavanco, Kawamura caiu de encontro à mulher que tinha ao lado. As portas abriram-se e os outros passageiros escoaram para fora, mas Kawamura ficou onde estava, com a mão direita agarrada a uma das barras de apoio verticais junto à porta e o saco de fruta bem preso na mão

esquerda, enquanto mais passageiros passavam à sua volta aos encontros. Vi-o rodar em sentido contrário ao dos ponteiros do relógio até cair de costas contra a parede junto à porta. Tinha a boca aberta; um ar ligeiramente surpreso. Então, lentamente, quase suavemente, escorregou até ao chão. Vi um dos passageiros que tinham entrado em Yoyogi inclinar-se para lhe prestar assistência. O homem, ocidental na casa dos quarenta, alto e magro que chegasse para me fazer lembrar um dardo, com um ar algo aristocrático com os seus óculos sem aros, sacudiu Kawamura pelos ombros, mas Kawamura estava longe de reagir aos esforços do desconhecido para socorrê-lo.

— *Daijoubu desu ka?* — perguntei, estendendo a mão esquerda para amparar as costas de Kawamura, tacteando à procura do íman. Ele está bem? Fiz a pergunta em japonês por ser provável que o ocidental não entendesse e a nossa interacção fosse mínima.

— *Wakaranai* — murmurou o desconhecido. Não sei. Deu palmadas nas faces cada vez mais azuladas de Kawamura e tornou a abaná-lo – a meu ver, com alguma violência. Portanto, sempre sabia um pouco de japonês. Paciência. Prendi o rebordo do íman com os dedos em pinça e desprendi-o. Kawamura estava arrumado.

Passei por eles à saída para a plataforma e o influxo de passageiros começou a jorrar para dentro do comboio atrás de mim. Espreitando de passagem pela janela mais próxima da porta, fiquei espantado ao ver o desconhecido vasculhar nos bolsos de Kawamura. A minha primeira impressão foi de que Kawamura estava a ser assaltado. Aproximei-me da janela para ver melhor, mas o congestionamento cada vez maior de passageiros tirou-me a visibilidade.

Senti-me tentado a reentrar, mas teria sido uma estupidez. De qualquer modo, era tarde demais. As portas já estavam a deslizar. Vi-as fechar-se entalando qualquer coisa, talvez uma mala ou algum pé. Reabriram ligeiramente e tornaram a fechar-se. Tinham travado uma maçã, que se deixou cair nos carris quando o comboio partiu.

2

Em Shinjuku, apanhei o metro na linha Maranouchi até Ogikubo, no extremo ocidental da cidade e fora da área metropolitana de Tóquio. Quis fazer um último PDV – percurso para detecção de vigilância – antes de contactar o cliente para relatar os resultados da operação Kawamura, e a viagem para oeste empurrava-me no sentido inverso ao trânsito ferroviário de hora de ponta, facilitando-me o controlo do que se passava atrás de mim.

Um PDV é precisamente aquilo que parece: um percurso delineado de forma a obrigar quem quer que possa vir no nosso encalço a expor-se. Claro que eu e o Harry tínhamos tomado todas as precauções a caminho de Shibuya, ao encontro de Kawamura naquela manhã, mas nunca presuponho que, por ter andado livre antes, ainda devo estar livre agora. Em Shinkuku, as multidões são tão cerradas que poderíamos ter dez pessoas à perna sem toparmos nenhuma delas. Por contraste, seguir alguém discretamente numa grande estação de caminhos-de-ferro deserta, com múltiplas entradas e saídas, é praticamente impossível e a viagem até Ogikubo ofereceu-me a paz de espírito que se me tem vindo a tornar necessária.

Antigamente, quando um agente dos serviços secretos queria comunicar com um colaborador em posição tão sensível que um cara-a-cara era inviável, era costume recorrer-se a um local de depósito e levantamento de material. O colaborador depositava, portanto, a microficha numa cavidade de uma árvore, ou escondia-a entre as páginas de um livro obscuro na biblioteca municipal e, mais tarde, o espião passava pelo local para recolhê-la. Nunca era possível apanhar os dois juntos no mesmo sítio ao mesmo tempo.

Com a Internet fica tudo mais fácil e mais seguro. O cliente coloca uma mensagem codificada num fórum electrónico, o equivalente digital a um buraco numa árvore. Eu descarrego-a numa cabine telefónica pública e descodifico-a quando me dá mais jeito. E vice-versa.

As mensagens transmitidas são bastante simplificadas. Basta um nome, uma foto, contactos particulares e profissionais. O número de uma conta bancária e instruções para a transferência. Uma reiteração das minhas três negas: nada de mulheres ou crianças, nenhuma actividade contra terceiros, nenhum outro fornecedor contratado para resolver o problema em mãos. Só se usam contactos telefónicos no inócuo rescaldo, e era essa a razão de ser do meu desvio para Ogikubo.

Usei um dos telefones públicos na estação para ligar ao meu contacto no Partido Liberal Democrata – um pau-mandado do PLD que só conhecia pelo nome de Benny, o que talvez fosse diminutivo de Benihana, ou coisa que o valha. Benny é fluente em inglês, portanto sei que passou algum tempo no estrangeiro. Prefere falar comigo em inglês porque está convencido de que tem uma sonoridade mais dura em certos contextos, e o Benny tem a mania que é um gajo rijo. Provavelmente aprendeu a gíria através de uma dieta demasiado constante de filmes de gangsters saídos de Hollywood.

Nunca nos tínhamos visto um ao outro, claro, mas bastara-me falar com Benny ao telefone para nutrir uma certa antipatia por ele. Imaginava-o nitidamente como mais um aquecedor de bancos do Governo, homem capaz de tentar compensar um problema de excesso de peso com meia dúzia de corridas pastelonas três vezes por semana numa passadeira de ginásio careiro, repleto de vidros e cromados, onde o ar condicionado e os sons embaladores da televisão lhe poupariam qualquer desconforto escusado. Provavelmente esbanjava dinheiro em coisas como gel de marca para fixar meia dúzia de cabelos por cima da careca, porque esses pequenos luxos até só custam cinco paus, de qualquer maneira, e pouparia dinheiro usando camisas e gravatas que nunca precisassem de ser passadas a ferro, com etiquetas a alardear «Seda Italiana Genuína!», escolhidas a dedo do interior de um caixote de artigos em saldo nalgum armazém dos trezentos durante uma viagem ao estrangeiro, congratulando-se pelas pechinchas que tinham sido tais bens de gabarito. Seria portador de algumas extravagâncias ocidentais, como uma caneta de tinta permanente Montblanc, talismãs que lhe permitissem convencer-se de que era certamente mais cosmopolita do que quem mandava nele. Sim, eu conhecia bem o estilo. Era um pau-mandado de meia tigela, um intermediário, um cromo que nunca tinha sujado as mãos na vida, que não sabia distinguir um sorriso sincero dos rictos satisfeitos das madames que o libertavam dos seus ienes a troco de *scotch* Suntory aguado enquanto ele as maçava com insinuações sobre os Grandes Negó-

cios em que estava envolvido, mas que obviamente não podia discutir ao pormenor.

Depois da habitual troca de senhas inócuas, pré-estabelecidas, para confirmarmos as nossas identidades, disse-lhe:

— Está feito.

— Ótimo — atirou naquele seu estilo lapidar, armado em duro. — Algum problema?

— Nada que mereça ser discutido — respondi ao fim de uma pausa, lembrando-me do tipo no comboio.

— Nada? De certeza?

Sabia que por este andar não chegava a lado nenhum. Era melhor não dizer nada, e foi isso que fiz.

— Certo — disse ele, desfazendo o silêncio. — Sabes como contactar-me se precisares de alguma coisa. Qualquer coisa que seja, está bem?

O Benny tenta tratar-me como se fosse um activo dos serviços secretos. Uma vez chegou mesmo a propor-me um frente-a-frente. Eu disse-lhe que se alguma vez nos encontrássemos cara a cara, seria para eu o assassinar, portanto talvez fosse melhor saltarmos esse passo. Ele riu-se, mas nunca chegámos a marcar a tal reunião.

— Só preciso de uma coisa — disse eu, relembrando-lhe o dinheiro.

— Como sempre, chega amanhã, o mais tardar.

— Seja. — Desliguei o telefone, limpando automaticamente o auscultador e as teclas na eventualidade improvável de alguém ter localizado a origem da chamada e enviar um agente para tentar recolher impressões digitais. Se tivessem acesso ao meu registo militar do tempo do Vietname, e eu partia do princípio que tinham, encontrariam uma dedada correspondente a John Rain, e eu não queria que soubessem que o mesmo gajo que conheceram há mais de vinte anos, quando voltei pela primeira vez ao Japão, era agora o *freelancer* misterioso que colaborava com eles.

Nessa altura eu trabalhava para a CIA, fruto dos contactos feitos no Vietname, para quem garantia que os «fundos de fomento» da Agência estavam a chegar aos devidos destinatários no partido de Governo, que era já então o PLD. A Agência coordenava um programa secreto de apoio a elementos políticos conservadores, no âmbito da política anti-comunista das autoridades norte-americanas e uma extensão natural das relações que se haviam desenvolvido durante a ocupação no pós-guerra, e o PLD tinha todo o gosto em cumprir o seu papel a troco do dinheiro.

Na verdade, eu não passava de um moço de recados, mas tinha boa relação com um dos beneficiários das mãos largas do Tio Sam, um tipo chamado Miyamoto. Um dos sócios de Miyamoto, chateado por causa do que lhe parecia ser uma percentagem demasiado curta do dinheiro, ame-

açou pôr a boca no trombone se não lhe pagassem mais. Miyamoto ficou exasperado; já não era a primeira vez que o sócio usava essa tática e já tinha sido aumentado por isso. Agora estava a ser pura e simplesmente ganancioso. Miyamoto perguntou-me se havia alguma coisa que eu pudesse fazer para arrumar o caso, a troco de \$50 000, «sem fazer ondas.»

A proposta interessou-me, mas quis garantir que me resguardava. Disse a Miyamoto que eu próprio não podia fazer nada, mas podia pô-lo em contacto com alguém que talvez estivesse disposto a ajudá-lo.

Esse alguém passou a ser o meu alter-ego e, com o passar do tempo, tomei medidas no sentido de apagar o rasto do verdadeiro John Rain. Entre outras coisas, deixei de usar o nome que me puseram à nascença e toda a informação que lhe está associada, e submeti-me a cirurgia plástica para conferir às minhas pregas epicânticas algo atrofiadas um aspecto mais inequivocamente japonês. Além disso, hoje uso o cabelo mais crescido, ao contrário do corte à escovinha que privilegiava na época. Uso também óculos de aros metálicos, uma cedência à idade que já pesa e às respectivas consequências, o que me dá um ar intelectual diametralmente oposto ao semblante intenso de soldado que apresentava no passado. Actualmente, pareço mais um académico japonês do que o guerreiro mestiço que já fui. Há mais de vinte anos que não vejo nenhum dos contactos que me ficaram dos tempos de moço de recados, e mantenho-me escrupulosamente ao largo da agência. Depois da partida que me pregaram a mim e ao Crazy Jake em Bu Dop, foi com todo o gosto que me livreí deles.

Fora Miyamoto quem me pusera em contacto com o Benny, que trabalhava para pessoas do PLD que tinham problemas semelhantes aos dele, problemas que eu podia resolver. Durante algum tempo, trabalhei para ambos, mas Miyamoto reformou-se há coisa de dez anos e morreu tranquilamente na cama pouco depois. Desde então, o Benny tem sido o meu melhor cliente. Faço três ou quatro trabalhos por ano para ele e quem quer que seja o membro do PLD que ele representa, cobrando, em ienes, o equivalente a cerca de \$100 000 dólares por missão. Parece muito, eu sei, mas tenho despesas a pagar: equipamento, várias residências, uma empresa de consultoria que me permite estar registado no fisco, mas dá constantemente prejuízo, e outras formas de criar a ilusão de legitimidade.

Benny. Perguntei-me se ele saberia alguma coisa do que se passara no comboio. A imagem do desconhecido a vasculhar nos bolsos do corpo prostrado de Kawamura incomodava-me como uma grainha entre os dentes, não parei de pensar nela, uma e outra vez, na esperança de tirar conclusões. Terá sido coincidência? Talvez o tipo estivesse à procura de um documento de identificação. Não era o tratamento mais produtivo para alguém que estava a ficar azul por falta de oxigénio, mas quem não tem prática nem

sempre reage bem sob pressão, e a primeira vez que se vê alguém morrer à nossa frente é um momento de tensão. Ou talvez fosse um contacto de Kawamura, que estava no comboio para fazer alguma transacção. Talvez fosse esse o plano, uma transacção em movimento num comboio apinhado. Kawamura terá ligado ao contacto de Shibuya, mesmo antes de entrar no comboio, para dizer: «vou na antepenúltima carruagem, saio agora da estação», e o contacto terá sabido onde entrar quando o comboio chegou à paragem em Yoyogi. Claro. Talvez tenha sido isso.

Para dizer a verdade, é frequente verificarem-se pequenas coincidências no meu ramo. Surgem automaticamente quando nos tornamos estudiosos do comportamento humano – quando começamos a seguir pessoas normais nas actividades banais de todos os dias, escutando as suas conversas, aprendendo os seus hábitos. As imagens que desprezamos por se afigurarem regulares ao longe, tornam-se por vezes desconexas e bizarras quando analisadas de perto, como fibras de tecido observadas ao microscópio.

Alguns dos alvos que me atribuem estão envolvidos em negócios subterrâneos e o factor coincidência manifesta-se num grau particularmente elevado. Já segui sujeitos que descobri estarem simultaneamente sob vigilância policial – uma das razões pelas quais as minhas técnicas de contra-vigilância têm de ser tão profundamente subtis como são. Amantes são um tema recorrente nestas novelas, às vezes até segundas famílias. Um alvo que eu me preparava para abater quando seguia atrás dele na paragem do metro pregou-me uma surpresa dos diabos atirando-se para a frente do comboio e poupando-me trabalho. O cliente ficou todo satisfeito, espantado com a maneira como fora capaz de fazer com que parecesse um suicídio apesar de a estação estar apinhada.

No entanto, tinha a sensação de que o Benny sabia alguma coisa, e essa sensação não me deixava pôr facilmente de parte esta pequena coincidência. Se houvesse alguma maneira de verificar se ele tinha desrespeitado alguma das minhas três regras, destacando uma equipa B para tratar de Kawamura, havia de encontrá-lo e fazê-lo pagar caro. Mas não havia nenhuma maneira óbvia de obter essa confirmação. Teria de deixar passar a questão, talvez arquivando-a na memória como «pendente», para me fazer sentir melhor.

O dinheiro apareceu no dia seguinte, tal como o Benny tinha prometido, e os nove dias que se seguiram foram tranquilos.

Ao décimo dia, recebi uma chamada do Harry. Disse que falava o meu amigo Koichiro, que ia à Galerie Coupe Chou em Shinjuku na terça-feira às oito, com alguns amigos, e eu devia dar lá um salto, se tivesse tempo. Respondi que me parecia uma óptima ideia e que faria o possível por aparecer. Eu sabia que tinha de contar cinco estabelecimentos para trás na listagem

de restaurantes das páginas amarelas de Tóquio, pelo que o encontro teria lugar no Las Chicas, faltando subtrair cinco dias e cinco horas para saber a data e a hora marcadas.

Eu gostava de reuniões no Las Chicas, porque quase todas a gente chega lá pela rua Aoyama-dori, logo quem vem da direcção oposta é quem merece mais atenção, e porque as pessoas têm de se expor ao atravessarem um pequeno pátio antes de chegarem à entrada do estabelecimento em si. O sítio está rodeado de ruelas sinuosas que serpenteiam em diferentes direcções, sem estreitamentos onde alguém possa fazer uma espera. Conheço bem essas ruelas, já que faço questão de saber o traçado de qualquer área onde passe muito tempo. Estava seguro de que qualquer visita indesejada teria a vida negra para conseguir chegar perto de mim ali.

A comida e o ambiente também eram bons. Tanto a ementa como os fregueses representam uma fusão do Oriente com o Ocidente: arroz indiano com cominhos e chocolate belga, uma beldade de cabelos negros, com maçãs do rosto elevadas e ascendência mongol, junto a uma loira saída directamente dos fiordes, uma mistura poliglota e uma barafunda de sotaques. De alguma maneira, o Las Chicas consegue ser eternamente cheio de estilo e absolutamente descontraído, tudo ao mesmo tempo.

Cheguei ao restaurante duas horas adiantado e esperei, a beber um dos chás com leite que fazem a justa fama da casa. Ninguém gosta de ser o último a chegar a um encontro. É uma falta de delicadeza, e diminui a probabilidade de sermos nós quem sai dali inteiro.

Perto das três, vi o Harry a subir a rua. Ele só me viu quando entrou.

— Sempre sentado de costas para a parede — comentou ao aproximar-se.

— Gosto da paisagem — retorqui seco. A maioria das pessoas não liga minimamente a estes assuntos, mas eu tinha-lhe ensinado que é algo a ter em conta quando se entra em qualquer sítio. As pessoas que estão de costas viradas para a porta são civis; as que estão em lugares estratégicos talvez sejam gente com algum senso comum ou algum treino, gente que talvez mereça um pouco mais de atenção.

Conhecera o Harry cerca de cinco anos antes, em Roppongi, onde ele se tinha metido numa encrenca com uns *marines* americanos em licença, bêbados num bar onde, por acaso, eu estava a fazer horas antes de uma reunião. O Harry consegue parecer um tipo um pouco estranho: às vezes, as roupas caem-lhe tão mal que se fica com a impressão de que as terá roubado enquanto secavam numa corda qualquer, e é costume não ter pejo de se pôr a olhar espedado para o que quer que lhe interesse. Foi esse esbugalhar dos olhos que chamou a atenção dos magalas, um dos quais ameaçou alto e bom som enfiar aqueles óculos de garrafão pelo cu do japona acima se o

Harry não descobrisse outra banda para onde olhar. O Harry fez-lhe imediatamente a vontade, mas este sinal aparente de fraqueza só serviu para encorajar os fuzileiros. Quando saíram atrás do Harry, e eu reparei que ele não se tinha apercebido do que o esperava, saí também. Tenho qualquer coisa contra rufias – ficou-me isso da infância.

Em todo o caso, os magalas tiveram de se haver comigo em vez do Harry e aquilo não correu como eles tinham planeado. O Harry ficou-me agradecido.

Veio a saber-se que tinha uns talentos bastante úteis. Nasceu nos Estados Unidos, filho de pais japoneses, e teve uma educação bilingue, passando os verões com os avós nos arredores de Tóquio. Entrou para a universidade e pós-graduou-se nos Estados Unidos, com um curso em matemática aplicada e criptografia. Durante a pós-graduação, meteu-se em sarilhos por ter acedido ilegalmente aos arquivos da faculdade que um dos seus professores de criptografia se tinha gabado de ter protegido à prova de intrusão. Também teve um arrufo algo desagradável com o FBI, que tinha conseguido seguir o rasto de determinadas invasões aos arquivos da Caixa de Poupanças e Crédito e outras instituições financeiras até à origem: o computador do Harry. Alguns ilustres membros das altas esferas da National Security Agency [Agência de Segurança Nacional] americana souberam dessas brincadeiras e contrataram o Harry para trabalhar na sede da agência em Fort Meade, a troco de limparem o seu cadastro cada vez mais recheado de ilegalidades informáticas.

O Harry permaneceu na NSA alguns anos, dando ao seu novo patrão acesso a sistemas informáticos sensíveis de Governos e empresas por todo o mundo, aprendendo pelo caminho as magias informáticas mais negras que constam dos compêndios da NSA. Voltou para o Japão em meados da década de noventa, aceitando emprego como consultor de segurança informática numa das grandes consultoras multinacionais. Claro que passaram a pente fino os antecedentes dele, mas o seu cadastro limpo e a maravilha de estar autorizado a aceder a material ultra-sensível da NSA cegaram os novos patrocinadores do Harry para a característica mais fundamental do rapaz tímido, na casa dos trinta mas de ar juvenil, que tinham acabado de contratar.

O essencial é que o Harry era um *hacker* inveterado. Tinha ficado farto da NSA porque, apesar dos desafios tecnológicos que o trabalho lhe apresentava, era um órgão sancionado pelo Governo. Agora no sector privado, para compensar, havia regras, normas éticas que ele devia cumprir. Nunca na vida o Harry tornou um sistema informático seguro sem deixar uma brecha que pudesse vir a utilizar quando estivesse para aí virado. Penetrou nos ficheiros da sua própria empresa para expor as vulnerabilidades dos

seus clientes, que passou depois a explorar. O Harry tinha a habilidade de um serralheiro e a alma de um gatuno.

Desde que nos conhecemos, tenho vindo a ensinar-lhe os aspectos relativamente mais honestos das minhas lides. Ele é suficientemente inadaptado para se pasmar com o facto de nos termos tornado amigos, consequentemente tem um ligeiro fraquinho por mim. A lealdade que advém disso é-me útil.

— O que é que se passa? — perguntei-lhe assim que se sentou.

— Duas coisas. Uma, creio que já deves saber; quanto à outra, não tenho a certeza.

— Sou todo ouvidos.

— Primeiro, parece que o Kawamura teve um ataque cardíaco fatal na mesma manhã em que andámos a segui-lo.

Bebi um gole do meu chá com leite.

— Eu sei. Aconteceu mesmo à minha frente, no comboio. Foi uma coisa dos diabos.

Era só impressão minha, ou ele estava a olhar para a minha cara com mais atenção do que o habitual?

— Vi o obituário no *Daily Yomiuri* — disse ele. — O anúncio foi colocado pela filha que lhe sobreviveu. O funeral foi ontem.

— Não és novo demais para andar a ler os obituários, Harry? — perguntei, olhando-o por cima da borda da caneca.

Ele encolheu os ombros.

— Já sabes que leio de tudo. Também é para isso que me pagas.

Quanto a isso, era verdade. O Harry andava sempre em cima dos acontecimentos e tinha jeito para identificar padrões no meio do caos.

— E a segunda coisa?...

— Durante o funeral, alguém invadiu o apartamento dele. Calculei que tivesses sido tu, mas achei por bem contar-te, por via das dúvidas.

Mantive o rosto impassível.

— Como é que soubeste disso? — perguntei-lhe.

Ele tirou um papel dobrado do bolso das calças e deslizou-o sobre a mesa para mim.

— Fui espreitar o relatório da Keisatsucho.

A Keisatsucho é a Agência de Polícia Nacional do Japão, a versão japonesa do FBI.

— Bolas, Harry, há algum sítio onde não consigas meter o dedo? És impressionante.

Ele acenou com a mão como se não fosse nada.

— Só entrei no sistema do *Sosa*, o departamento de investigação. A segurança deles é uma vergonha.

Não senti necessidade de lhe dizer que concordava com a sua avaliação da segurança do *Sosa* – aliás, fora um leitor ávido dos arquivos deles durante muitos anos.

Desdobrei o papel e comecei a lê-lo na diagonal. A primeira coisa em que reparei foi no nome da pessoa que tinha elaborado o relatório: Ishikura Tatsuhiko. O Tatsu. Por qualquer motivo, isso não me surpreendeu.

Conhecera o Tatsu no Vietname, onde ele estava ligado ao Conselho de Segurança Pública e Investigação japonês, um dos organismos precursores da Keisatsucho. Estorvado pelas restrições impostas às suas forças armadas pelo Artigo Nono da constituição do pós-guerra, e impossibilitado de fazer mais do que enviar meia dúzia de representantes ao local com o único fito de «observarem e recolherem informação», o Governo destacou o Tatsu para o Vietname durante seis meses, para mapear as linhas de assistência ao Vietcong pela KGB. Como eu falava japonês, fui incumbido de ensiná-lo a movimentar-se naquelas águas.

Tatsu era um homem baixo, com aquela constituição atarracada que tende a arredondar com a idade e uma cara afável que mascarava a intensidade que existia por detrás – intensidade que se denunciava no seu hábito de espetar o tronco e a cabeça para a frente de modo que dava a impressão de estar amarrado por uma trela invisível. Vivia frustrado no Japão castrado do pós-guerra e admirava a vida de guerreiro que eu havia escolhido para mim. Da minha parte, fiquei intrigado pela mágoa secreta que lhe via nos olhos, mágoa que, estranhamente, costumava acentuar-se quando sorria, e especialmente quando se ria. Falava pouco da família, das duas filhas pequenas que tinha no Japão, mas quando o fazia era com orgulho evidente. Anos mais tarde, soube através de um conhecido mútuo que também já tivera um filho, o mais novo dos três, que morrera em circunstâncias sobre as quais Tatsu nunca falava, e foi então que percebi a origem daquela sua expressão pesarosa.

Quando regresssei ao Japão, passámos algum tempo juntos, mas tinha vindo a distanciar-me dele desde que me ligara ao Miyamoto e depois ao Benny. Não via o Tatsu desde que alterara a minha aparência e passara a viver na clandestinidade.

Ainda bem que assim foi, porque sabia, pelos relatórios a que conseguira acesso, que o Tatsu tinha uma teoria de estimação: o PLD tinha um assassino a soldo nos seus quadros. Em finais da década de oitenta, o Tatsu começou a convencer-se de que demasiadas testemunhas essenciais em casos de corrupção, demasiados reformistas do sector financeiro e demasiados jovens cruzados contra o estado actual da política andavam a morrer de «causas naturais». Na óptica dele, havia aqui um padrão, e a figura sombria

que ele vislumbrava no centro de tudo teria competências muito parecidas com as minhas.

Os colegas do Tatsu julgavam que a figura que ele via era um fantasma, fruto da sua imaginação, e a insistência com que teimava em investigar uma conspiração que outros afirmavam ser uma miragem não contribuiu em nada para a sua progressão na carreira. Para compensar, essa obstinação oferecia-lhe alguma protecção das forças que tinha a esperança de ameaçar, porque ninguém queria dar credibilidade àquelas teorias proporcionando-lhe uma morte súbita de causas naturais. Pelo contrário: eu imaginava que muitos dos inimigos do Tatsu esperavam que ele vivesse uma vida longa e sem incidentes de maior. Também estava ciente de que essa atitude mudaria num instante se o Tatsu alguma vez chegasse demasiado perto da verdade.

Por enquanto, ainda não tinha acontecido. Mas eu conhecia o Tatsu. No Vietname, mostrara bom entendimento dos aspectos fundamentais da contra-espionagem, numa altura em que nem as altas patentes da Agência sabiam esboçar um simples diagrama de uma típica unidade vietcong. Recolhera pistas operacionais apesar do âmbito restrito da sua missão, que o limitava a ouvir e aprender. Rejeitara a vida confortável de adido diplomático, a escrever relatórios numa mansão, insistindo ao invés em fazer trabalho de campo.

Os seus superiores tinham ficado horrorizados com a eficácia dele, segundo me contou o próprio com amargura, depois de beber quantidades substanciais de saqué, e haviam ignorado cuidadosamente toda a informação que ele recolhera. No fim, a persistência e a coragem do homem tinham sido desperdiçadas. Quem me dera que ele tivesse aprendido com a experiência.

Mas eu supunha que isso era impossível. O Tatsu era um autêntico samurai e continuaria a servir o mesmo mestre independentemente de quantas vezes este o ignorasse, ou até mesmo maltratasse. A dedicação ao serviço era a finalidade mais nobre que ele conhecia.

Era invulgar para a Keisatsucho investigar uma mera invasão domiciliária. Algo sobre a morte de Kawamura, e as actividades deste até esse momento, deve ter chamado a atenção do Tatsu. Não seria a primeira vez que sentia o meu antigo camarada a observar-me como que através de um espelho unidireccional, vendo uma silhueta do outro lado sem saber de quem se trata, e senti-me aliviado por ter escolhido cortar a ligação com ele tantos anos atrás.

— Escusas de dizer se já sabias ou não disto — rematou o Harry, interrompendo as minhas meditações. — Conheço as regras.

Ponderei quanto devia revelar-lhe. Se eu quisesse mais informação, as capacidades dele seriam úteis. Por outro lado, não gostava da ideia de dei-

xá-lo aproximar-se mais da verdadeira natureza do meu trabalho. Já assim, começava a aproximar-se ao ponto de ser incómodo. O nome do Tatsu naquele relatório, por exemplo... Tinha de presumir que o Harry seguiria atrás desse nome como se fosse um *link* na Internet, que haveria de se informar sobre as teorias de conspiração do Tatsu, que pressentiria alguma ligação entre elas e a minha pessoa. Nada que constituísse uma prova conclusiva, claro, mas entre eles dois, o Harry e o Tatsu ficariam com um número significativo de peças do puzzle.

Sentado ali, no Las Chicas, a beber o meu chá com leite, tive de admitir que o Harry poderia vir a tornar-se num problema. Essa conclusão deprimiu-me. *Porra, pensei, estás a ficar muito sentimental.*

Talvez fosse hora de largar esta merda. Talvez agora fosse mesmo tempo de me retirar.

— Não sabia nada disso — respondi passado um momento. — É um caso invulgar. — Não vi mal nenhum em falar-lhe do desconhecido que apareceu no comboio, e assim fiz.

— Se estívéssemos em Nova Iorque, dir-te-ia que era um carteirista — comentou ele quando acabei de lhe contar.

— Pensei o mesmo quando o vi, mas carteirista seria uma carreira de merda para um branquela em Tóquio. Para isso não se pode dar nas vistas.

— Terá sido uma questão de ocasião?

Abanei a cabeça.

— Não há muita gente com tão pouca vergonha e tanto sangue-frio. Duvido que um dos poucos que são assim estivesse, por acaso, mesmo ao lado do Kawamura naquela manhã. Tenho a impressão de que o gajo era um contacto do Kawamura, que estava ali para fazer uma transacção qualquer.

— Porque achas que a Keisatsucho está a investigar uma simples invasão domiciliária num apartamento em Tóquio? — perguntou.

— Quanto a isso, não sei — disse eu, embora o envolvimento do Tatsu me suscitasse algumas dúvidas. — Talvez por causa da posição do Kawamura no Governo, da sua morte recente, ou coisa que o valha. Eu cá aposto nessa teoria.

Ele olhou para mim.

— Estás a pedir-me que investigue mais a fundo?

Devia ter deixado aquilo passar, mas já tinham abusado de mim antes. A sensação de que talvez tivesse acontecido outra vez ia tirar-me o sono. Será que o Benny tinha destacado uma equipa B para tratar de Kawamura? Cheguei à conclusão que mais valia deixar o Harry procurar algumas pistas.

— Vais fazer isso quer eu queira, quer não, certo? — perguntei.

Ele pestanejou.

— Acho que não me consigo conter.
— Então investiga à vontade. Conta-me o que descobrires. E vê se tens cuidado, chico-esperto. Não te descuides.
Esse aviso aplicava-se a nós ambos.

3

Ter avisado o Harry para se cuidar fez-me lembrar do Jimmy Cahoun, o meu melhor amigo no liceu, a pessoa que era o Jimmy antes de se ter tornado no Crazy Jake. Eu e o Jimmy alistámo-nos no Exército ao mesmo tempo, mal tínhamos dezassete anos. Lembro-me de o oficial de recrutamento nos ter dito que precisávamos de autorização dos pais para nos alistarmos.

— Estão a ver aquela mulher lá fora? — perguntou-nos. — Dêem-lhe esta nota de vinte e perguntem-lhe se assina em nome da vossa mãe.

Assinou mesmo. Mais tarde, percebi que aquela mulher ganhava a vida assim.

Eu e o Jimmy tínhamo-nos conhecido, de certa maneira, através da irmã mais nova dele, a Deirdre. Era linda, uma rosa irlandesa de cabelos negros, e uma das poucas pessoas que eram simpáticas para o puto desajeitado e deslocado que eu era em Dryden. Um idiota qualquer disse ao Jimmy que eu gostava dela, o que era verdade, claro, e o Jimmy decidiu que não queria que um gajo de olhos em bico se fizesse à sua irmã. Era maior do que eu, mas lá me aguentei na briga e acabámos empatados. Depois disso, passou a respeitar-me e tornou-se meu aliado contra os arruaceiros de Dryden, o meu primeiro amigo de verdade. Eu e a Deirdre começámos a andar um com o outro, e aí de quem moesse o juízo do Jimmy por causa disso.

Antes de partirmos, eu disse à Deirdre que havíamos de nos casar assim que voltasse. Ela disse que ficava a minha espera.

— Toma conta do Jimmy, está bem? — pediu-me. — Ele tem a mania que tem muito que se afirmar.

Eu e o Jimmy tínhamos dito ao oficial de recrutamento que queríamos

servir na mesma unidade e o tipo disse que tratava disso. Não sei se ele teve alguma coisa que ver com o assunto, aliás, o mais provável é que nos tenha mentido, mas correu tudo como nós tínhamos pedido. Eu e o Jimmy fizemos o treino para as Forças Especiais em Fort Bragg, depois acabámos por ir parar à mesma unidade, parte de um programa de cooperação entre o exército e a CIA, que se chamava Studies and Observation Group [Grupo de Estudos e Observação], ou SOG. A designação Studies and Observation era uma anedota, esforço de um burocrata imbecil no sentido de dar à organização uma aura mais discreta. Mais ou menos o equivalente a chamar-se panasca a um *pit bull*.

A missão do SOG era realizar operações clandestinas de reconhecimento e sabotagem no Camboja e no Laos, por vezes até no Vietname do Norte. As brigadas eram constituídas por LURRPs, acrónimo para designar militares especializados em patrulhas de reconhecimento de longo alcance. Éramos três americanos e nove membros do Civilian Irregular Defense Group [Grupo Irregular de Defesa Civil], ou CIDG. Os CIDG costumavam ser mercenários *Khmer* recrutados pela CIA, por vezes eram *montagnards*. Três homens iam para o mato passar uma, duas, três semanas de cada vez, vivendo do que a terra dava, sem qualquer contacto com o MAVC, o U.S. Military Assistance Command, Vietnam [Comando de Assistência Militar dos EUA no Vietname].

Éramos a elite da elite, uma unidade pequena e móvel, esgueirávamo-nos como fantasmas silenciosos no meio da selva. Todas as peças móveis do armamento eram presas com fita adesiva para amortecer o ruído. Fazíamos tantas operações nocturnas que já víamos às escuras. Nem sequer usávamos repelente contra os insectos, porque os vietcong podiam apanhar-lhe o cheiro. Éramos cuidadosos a esse ponto.

Actuávamos no Camboja ao mesmo tempo que Nixon professava publicamente o seu respeito pela neutralidade do Camboja. Se se soubesse das nossas actividades, Nixon teria sido obrigado a admitir que mentira não só ao povo, como também ao Congresso. Portanto as nossas actividades não eram apenas clandestinas, eram taxativamente negadas até ao topo da hierarquia política. Nalgumas das missões, tínhamos de movimentar-nos despidos de qualquer identificação, sem armamento nem nenhum material bélico distribuído pelas forças armadas dos Estados Unidos. Noutras alturas, nem sequer podíamos pedir apoio aéreo, com medo de que os pilotos fossem abatidos e capturados. Quando perdíamos um homem, a família dele recebia um telegrama a informá-la de que este fora morto «a oeste de Dak To», ou «perto da fronteira», ou qualquer outra descrição tão vaga como essas.

Começou tudo bem. Antes de termos partido, conversámos sobre o que faríamos e o que nos recusaríamos a fazer. Já tínhamos ouvido histó-

rias. Toda a gente ouvira falar de My Lai. Havíamos de manter a cabeça fria, havíamos de ser profissionais. Queríamos manter-nos pura e simplesmente e inocentes. Quase que me dá vontade de rir quando penso nisso agora.

O Jimmy passou a ser conhecido como «Crazy Jake» por ter adormecido a meio do nosso primeiro tiroteio. Viam-se os lampejos das munições saídas de dentro do arvoredado, estávamos todos agachados, a ripostar contra gente que nem sequer víamos, e o combate durou horas a fio porque não podíamos chamar apoio aéreo, pois estávamos ilegalmente posicionados naquela localização. A meio daquele granel, o Jimmy disse «que se foda» e bateu uma soneca. Toda a gente pensou que ele era o maior. Quando lhe diziam «és maluco, pá, és maluco», o Jimmy respondia «bem, eu sabia que estava tudo na boa.» Portanto, a partir daí ficou conhecido como Crazy Jake. Além de nós os dois, acho que mais ninguém sabia o verdadeiro nome dele.

O Jimmy não era maluco só na atitude; também tinha cara disso. Um acidente de mota na adolescência por pouco não lhe custara um olho. Os médicos conseguiram tornar a pô-lo no sítio, mas não foram capazes de focá-lo alinhado com o olho bom, portanto o Jimmy tinha sempre cara de quem estava atento a qualquer coisa que estivesse desviada mais para o lado enquanto conversava connosco. «Sou omnidireccional», gostava ele de dizer com um sorriso quando apanhava alguém a olhá-lo à socapa.

O Jimmy era um rapaz bastante sociável no liceu, mas tinha-se tornado mais recatado no Vietname, treinando constantemente, levando o seu trabalho a sério. Não era um gajo grandalhão, mas as pessoas tinham medo dele. Houve uma vez em que um PM com um pastor-alemão confrontou o Jimmy por causa de uns desacatos quaisquer num bar. O Jimmy não olhou para ele, portou-se como se o polícia nem sequer estivesse lá. Em vez disso, olhou para o cão. Passou-se qualquer coisa entre os dois, algo de animalesco, e o cão ganiu e recuou. O PM ficou assustado e tomou a decisão acertada de deixar passar a questão, e o incidente tornou-se parte da lenda crescente do Crazy Jake, de quem até os cães de guarda tinham medo.

Mas não havia ninguém que se movimentasse melhor no mato. Era como um animal com quem se podia conversar. Deixava as pessoas desconfortáveis com o seu olho omnidireccional, os seus silêncios prolongados, mas quando o som dos helicópteros de incursão se sumia ao longe, toda a gente queria tê-lo por perto.

Fui atropelado por memórias como um batalhão de cadáveres subitamente reanimados.

Se dizem para os limparmos, é para limparmos. Num suyn!

Não há casa para gente como nós, John. Não, depois daquilo que fizemos.

Esquece essas merdas, disse para comigo, sobrepondo-se ao refrão familiar de ruído branco. O que está feito, está feito.

Precisava de folga e decidi ir assistir a um concerto de jazz no Club Alfie. O Jazz tem sido o porto de abrigo onde me resguardo do mundo desde os meus dezasseis anos, desde a primeira vez que ouvi um disco do Bill Evans, e neste preciso momento bem precisava de um porto seguro.

O Alfie é aquilo a que se chama uma *raibu hausu*, ou casa de espectáculos ao vivo – um clube pequeno que dá palco a trios e quartetos de jazz para os habitantes de Tóquio que são adeptos do género. O Alfie é uma casa como deve ser: escura, apertada, com tecto baixo e acústica acidentalmente excelente, com capacidade para apenas cerca de vinte e cinco pessoas, especializada em jovens artistas à beira de serem realmente descobertos. A casa está sempre cheia e é preciso reservar lugar, um pequeno luxo que a minha vida clandestina não permite. Mas eu conhecia a *Mama-san* do Alfie, uma velhota gorducha com dedinhos rechonchudos e um bamboleio de pato que em tempos terá sido um saracoteio elegante. Estava fora do prazo para namoriscar, mas catrapiscava-me de qualquer maneira e adorava-me por lhe dar troco na mesma moeda. O Alfie estaria apinhado, mas isso pouco importava à *Mama*, se quisesse arranjar espaço para mais um.

Nessa noite, fui de metro até Roppongi, o bairro onde fica o Alfie, fazendo um PDV de nível médio de segurança pelo caminho. Como sempre, esperei até a plataforma na estação ter esvaziado antes de sair para a rua. Não vinha ninguém atrás de mim e subi as escadas rumo à noite em Roppongi.

Roppongi é um cocktail composto pelos elementos estrangeiros e nacionais mais espalhafatosos de Tóquio, com sexo e dinheiro pelo meio, para dar força à mistura. É um lugar cheio de empregadas ocidentais que tinham vindo para o Japão convencidas de que iam ser manequins, mas acabaram enredadas noutras malhas, vendendo conversas indecentes e muitas vezes algo mais aos *sarariman* que as frequentavam, passeando-se vestidas com roupas afectadamente estilosas e calçadas com saltos altos que lhes acentuam a altura, com uma altivez que pretendem ser sinónimo de sucesso e estatuto, mas frequentemente indicia algo que mais parece desespero; raparigas japonesas deslumbrantes, de pele revestida de um bronze perfeito de solário, cabelos raiados de madeixas que deixam escorrer compridos e lisos pelas costas abaixo, como se fossem as asas dobradas de alguma ave de rapina esfomeada à caça de namorados ricos, que, a troco da promessa de sexo ou simplesmente da oportunidade para serem vistos em público com tais tesouros, lhes oferecem fatos Chanel, malas Vuitton e outros artigos cobiçados; estrangeiros morenos a venderem substâncias controladas que talvez correspondam ao que eles publicitam, ou talvez não; madames absurdamente idosas a puxarem pelos cotovelos dos transeuntes, tentando convencê-los a escolherem uma «companheira» através de um álbum de

fotografias; pessoas que andam apressadas, como se tivessem algum sítio importante para onde ir, ou artificialmente descontraídas, como se à espera de se encontrarem com uma celebridade; tudo gente esfomeada e à caça, todo um universo de presas e predadores bem adornados.

O Alfie ficava à esquerda da estação, mas chegado à rua, virei à direita, lembrando-me de dar a volta para entrar pelas traseiras. Os animadores já tinham saído à rua, empurravam panfletos para as minhas mãos, tentavam chamar-me a atenção. Ignorei-os e virei à direita na Gaienhigashi-dori, mesmo à frente do Almond Cafe, depois virei outra vez à direita para descer um beco paralelo à Roppongi-dori, que me foi depositar nas traseiras do Alfie. Um Ferrari vermelho passou a rosnar, uma relíquia do tempo das vacas gordas, quando os caçadores de troféus açambarcavam originais impressionistas no valor de milhões de dólares sobre os quais nada sabiam, e compravam propriedades remotas em locais como Pebble Beach, dos quais tinham ouvido falar mas que nunca haviam visto; tempo em que se dizia que os terrenos de Tóquio valiam mais do que o território continental dos Estados Unidos; em que os novos-ricos celebravam o seu estatuto em bares de alterne de alto nível, em Ginza, onde mandavam vir garrafa atrás de garrafa dos melhores champanhes, mil dólares cada uma, para os estragarem com cubos de açúcar e consumirem em cálices polvilhados com flocos de ouro de catorze quilates.

Cortei à direita na rua e apanhei o elevador para o quinto andar, fazendo uma última inspeção de 180 graus com o olhar antes de as portas se fecharem.

Previsivelmente, havia uma multidão à porta do clube, que estava forrada com cartazes, uns novos, outros antigos, anunciando artistas que ali tinham actuado ao longo dos anos. À porta, estava de guarda um jovem com um fato barato de corte Europeu e o cabelo untado para trás, a verificar as reservas.

— *Onamae wa?* — perguntou-me enquanto eu percorria a curta a distância entre o elevador e a porta. O seu nome? Disse-lhe que não tinha reserva e ele deitou-me um olhar pesaroso. Para lhe poupar a angústia de me explicar que não me podia deixar assistir ao espectáculo, contei-lhe que eu e a *Mama* éramos amigos de longa data e precisava de falar com ela, se ele pudesse ir buscá-la. Fez uma vénia, entrou no estabelecimento e desapareceu por trás de uma cortina. Dois segundos mais tarde, saiu de lá a *Mama*. Vinha com um ar profissional, sem dúvida preparada para apresentar um pedido de desculpas penosamente delicado mas firme, à maneira japonesa, mas quando me viu os cantos dos seus olhos encarquilharam-se num sorriso.

— *Jun-chan! Hisashiburi ne!* — cumprimentou-me, alisando a saia com as mãos. *Jun* foi o diminutivo que a *Mama* escolheu para Junichi, o

meu nome próprio em japonês, John na versão abastardada em inglês. Fiz-lhe uma vénia formal, mas retribuí o seu sorriso acolhedor. Expliquei que, por acaso, andava por aquelas bandas e não tinha tido oportunidade de marcar lugar. Bem via que tinham a casa cheia e não queria de maneira alguma incomodá-la...

— *Tonde mo nai!* — atalhou ela. Não seja pateta. Apressou-me para entrar, fugiu para trás do balcão e apanhou a garrafa de Cao Lila que guardavam para mim numa prateleira. Foi buscar um copo e regressou a onde eu esperava, em pé, convidando-me com um gesto a sentar-me numa mesa ao canto da sala.

Sentou-se comigo durante um bocado, serviu-me a bebida e perguntou se eu estava ali com alguém, pois nem sempre vou ao Alfie sozinho. Disse-lhe que era só eu, e ela sorriu.

— *Un ga yokatta ne!* — disse ela. Sorte a minha! Ver a *Mama* deixou-me bem disposto. Há meses que não ia ali, mas ela sabia exactamente onde estava a minha garrafa; continuava a ter os seus trunfos na manga.

A minha mesa ficava perto do pequeno palco. A sala era sombria, mas um candeeiro que pendia do tecto iluminava um piano e a área imediatamente à direita deste. Aquele lugar não tinha grande vista para entrada, mas não se pode ter tudo.

— Já tinha saudades suas, *Mama* — disse-lhe em japonês, sentindo-me descontraído. — Diga-me lá quem é que vai tocar hoje.

Fez-me uma festa na mão.

— É uma jovem pianista, Kawamura Midori. Vai ser uma estrela, já tem um espectáculo agendado para este fim-de-semana no Blue Note, mas assim você pode dizer que a viu dar os primeiros passos no Alfie.

Kawamura é um nome vulgar no Japão, e não me preocupei muito com a coincidência.

— Acho que já ouvi falar, mas não conheço a música dela. Como é?

— Maravilhosa – toca como se fosse um Thelonious Monk zangado e é absolutamente profissional, ao contrário de alguns dos artistas mais verdes que trazemos aqui. Ainda há uma semana e meia perdeu o pai, pobre-zinha, mas não desmarcou o compromisso que tinha connosco hoje.

Foi aí que o nome me chamou a atenção.

— É uma pena — disse devagar. — O que lhe aconteceu?

— Teve um ataque de coração na terça de manhã, em plena linha Yamanote. Kawamura-san disse-me que não foi de todo surpreendente – o pai dela tinha problemas cardíacos. Devemos dar graças por todos os momentos de vida que temos, *ne?* Ah, aí vem ela. — Tornou a fazer-me uma festa na mão e foi-se embora.

Voltei-me e vi Midori e o seu trio avançarem impávidos, com passos

convictos em direcção ao palco. Abanei a cabeça, tentando encaixar aquilo tudo. Tinha vindo ao Alfie para me afastar de Kawamura e de tudo o que lhe dizia respeito, e, em vez disso, encontrava ali o fantasma dele. Podia ter-me levantado e ido embora, mas isso teria dado muito nas vistas.

Ao mesmo tempo sentia aquela pontinha de curiosidade, como se estivesse a fazer marcha-atrás para ver os resultados de um acidente que tivesse sido eu a provocar, incapaz de descolar os olhos dos destroços.

Observei o rosto de Midori quando se sentou no seu lugar ao piano. Parecia-me que estaria na casa dos trinta e tinha cabelos lisos, à altura dos ombros, tão negros que pareciam brilhar à luz do candeeiro de tecto. Vestia uma camisola de mangas curtas, tão escura como eram os seus cabelos, a pele branca e macia dos braços e do pescoço quase dava a impressão de flutuar à beira deles. Tentei ver-lhe os olhos, mas só lhes apanhei uns foga-chos nas sombras projectadas pela iluminação. Vi que os tinha emoldurado com um risco, mas fora isso não estava enfeitada. Tinha confiança suficiente para não se maçar muito com isso. Era bonita e pareceu-me que estava ciente disso.

Pressenti uma certa tensão na plateia, corpos inclinados para a frente na expectativa. Midori ergueu os dedos sobre o teclado, levantando-os ali por um segundo. Abriu o espectáculo dizendo baixinho:

— Um, dois, um dois três quatro — e então as suas mãos desceram e deram vida à sala.

Começou com «My Man's Gone», uma música antiga de Bill Evans, em vez de um original. Gosto da peça e gostei da maneira como ela a tocou. Conferiu-lhe uma ressonância que me deu vontade de assistir além de ouvir, mas dei por mim a desviar o olhar.

Tinha perdido o meu próprio pai pouco depois de ter feito oito anos. Foi morto por um partidário de direita nas manifestações populares que abalaram Tóquio na altura em que a administração Kishi ratificou o Pacto de Segurança entre os Estados Unidos e o Japão, corria o ano de 1960. Em vida, o meu pai sempre me abordara como que de uma grande distância e fiquei com a impressão de que eu era a origem de alguma tensão entre ele e a minha mãe. Mas só comecei a perceber tudo isso mais tarde. Entretanto, chorei as minhas lágrimas nocturnas de criança durante muito tempo depois de ele ter partido.

A minha mãe não me facilitou a vida depois disso, embora esteja convencido de que deu o seu melhor. Fora advogada dos quadros do Departamento de Estado em Tóquio durante a Ocupação, trabalhou junto do Comando Supremo das Forças Aliadas de MacArthur, como membro da equipa que MacArthur encarregou de redigir a nova constituição para guiar o Japão do pós-guerra nas águas do Século Americano que se segui-

ria. O meu pai trabalhava para o executivo do Primeiro-Ministro Yoshida, era responsável por traduzir e negociar o documento em termos que fossem favoráveis ao Japão.

O romance dos dois, que veio a público pouco depois de a nova constituição se ter tornado lei em Maio de 1947, escandalizou as duas facções, ambas convencidas de que o seu respectivo representante teria feito concessões na cama que nunca teriam sido alcançadas à mesa das negociações. O futuro da minha mãe junto do Departamento de Estado chegou efectivamente ao fim, e ela ficou no Japão como esposa do meu pai.

Os meus avós maternos cortaram relações com a filha por causa do casamento inter-cultural e inter-racial que contraíra sem o consentimento deles, portanto a minha mãe, em resposta ao seu estatuto de órfã virtual, adoptou o Japão, aprendendo japonês suficiente para o falar em casa comigo e com o meu pai. Quando o perdeu, perdeu a amarra que a ligava à nova vida que construía para si.

Seria Midori chegada ao pai dela? Talvez não. Talvez fosse uma relação algo incómoda, talvez até conflituosa, por causa do que a ele terá parecido uma escolha frívola da filha para a sua carreira. E se tivessem existido brigas, silêncios dolorosos e esforços difíceis por se compreenderem mutuamente, teriam tido hipótese de se reconciliarem? Ou teria ela ficado com muita coisa entalada na garganta que gostaria de lhe ter dito?

Que raio te deu agora?, pensei. Não tens nada que ver nem com ela, nem com o seu pai. É atraente e isso está a afectar-te. Tudo bem, mas deixa-te de tretas.

Olhei em volta para a sala, para todas as pessoas que pareciam estar ali em pares ou grupos maiores.

Apeteceu-me ir-me embora, procurar um sítio de que não guardasse qualquer memória.

Mas que sítio seria esse?

Sendo assim, fiquei a ouvir a música. Senti as notas fugirem de mim aos ziguezagues, brincalhonas, agarrei-me a elas e deixei que me arrancassem do estado de espírito que ia enchendo à minha volta como uma maré negra. Agarrei-me à música, ao sabor do Cao Lila na minha garganta, à melodia nos meus ouvidos, até as mãos de Midori parecerem tornar-se numa mancha sem contornos, até o seu perfil se esconder atrás dos seus cabelos, até as cabeças que via ao lusco-fusco em meu redor e o fumo dos cigarros balançarem e mãos tamborilarem nas mesas e nos copos, até as mãos dela se mexerem ainda mais depressa e, então, pararem, deixando um momento perfeito de silêncio para ser preenchido por uma salva de palmas.

Momentos mais tarde, Midori e o seu trio dirigiram-se para uma mesinha que tinha sido reservada para eles, e a sala encheu-se de um burburinho

de conversas e risos abafados. A *Mama* juntou-se a eles. Sabia que não podia escapar-me sem lhe prestar os meus respeitos, mas não queria passar pela mesa de Midori. Além disso, uma retirada antecipada causaria alguma estranheza, fosse como fosse. Cheguei à conclusão que tinha de ficar onde estava.

Confessa, pensei para comigo. *Queres ouvir a segunda parte*. E a verdade era essa. A música de Midori tinha sossegado os meus ânimos espicaçados, como acontece sempre que oiço jazz. Não me incomodava a perspectiva de ficar ali a ouvir mais. Desfrutaria da segunda parte, sairia silenciosamente e ficaria com a memória de um noite algo bizarra, que de certa forma até tinha acabado bem.

Pode ser. Só não quero mais ideias de merda sobre o pai dela, está bem?

Pelo canto do olho, vi a *Mama* vir na minha direcção. Levantei o olhar e sorri quando ela se sentou ao meu lado.

— Então? Que tal? — perguntou-me.

Peguei na minha garrafa, que estava substancialmente menos cheia do que quando eu tinha ali chegado, e servi um copo para cada um de nós.

— Parece um Thelonious Monk zangado, como você disse. Tem toda a razão, ela vai ser uma estrela.

Os seus olhos brilharam.

— Quer que lha apresente?

— Isso era engraçado, *Mama*, mas acho que esta noite estou mais virado para ouvir do que para falar.

— E depois? Ela pode falar, que você ouve. As mulheres gostam de homens que lhes dêem ouvidos. São aves muito raras, *ne?*

— Acho que ela não gostaria de mim, *Mama*.

Aí, ela inclinou-se para a frente.

— Ela perguntou por si.

Merda.

— O que é que você lhe disse?

— Que se fosse uns anos mais nova, nem se falava mais disso. — Tapou a boca com uma mão e foi estremeçada por risinhos silenciosos. — Mas como já estou demasiado velha, contei-lhe que é um entusiasta de jazz e um grande fã dela, e que veio cá hoje à noite especificamente para a ouvir.

— Muito simpático da sua parte — disse eu, percebendo que estava a perder o controlo sobre a situação, sem saber bem como recuperá-lo.

Ela recostou-se na cadeira e sorriu.

— Então? Não lhe parece que devia ir lá apresentar-se? Ela disse-me que gostaria de conhecê-lo.

— *Mama*, está a fazer-me aqui um caldinho. Ela não disse nada disso.

— Ai não? Está ali à sua espera – veja. — Voltou-se e acenou para Midori, que olhou para nós e disse adeus.

— Não me faça isto, *Mama* — disse eu, ciente de que o mal já estava feito. Ela debruçou-se abruptamente, desaparecendo-lhe o riso como o sol atrás de uma nuvem.

— Agora não me faça passar vergonha. Vá lá dizer olá.

Que se lixe. De qualquer maneira, tinha de ir mijar.

Levantei-me e aproximei-me da mesa de Midori. Percebi que ela reparou na minha aproximação, mas não deu sinal disso até eu estar directamente à sua frente. Então, levantou o olhar da mesa e fui surpreendido pelos seus olhos. Eram insondáveis, mesmo olhando directamente para mim, mas não eram distantes e não eram frios. Em vez disso, pareciam irradiar um calor controlado, algo que me tocava, mas em que eu não podia tocar de volta.

Percebi imediatamente que tinha razão acerca da armadilha que a *Mama* tinha armado. Midori não fazia a mais pálida ideia de quem eu era.

— Obrigado pela música — disse-lhe eu, tentando pensar em algo mais para lhe dizer. — Salvou-me de qualquer coisa.

O baixista, rei do estilo, vestido de preto dos pés à cabeça, com patilhas compridas e óculos rectangulares de estilo Europeu, resfolegou audivelmente e perguntei-me se haveria alguma coisa entre eles os dois. Midori cedeu um ligeiro sorriso indicativo de que já tinha ouvido essa conversa antes, limitando-se a responder:

— *Domo arigato* — fazendo da delicadeza no agradecimento uma forma de rejeição.

— Não — disse-lhe eu. — Sinceramente. A vossa música é honesta, o que é o antídoto perfeito para as mentiras.

Interroguei-me por momentos sobre que raio estava a sair-me da boca.

O baixista abanou a cabeça, como se eu lhe metesse nojo.

— Não tocamos para salvar ninguém. Tocamos porque nos dá gozo tocar.

A Midori deitou-lhe um olhar distante onde transparecia uma ligeira desilusão, e soube então que estes dois estavam ali a dançar uma dança que já conheciam de cor e salteado, passos que nunca tinham levado à satisfação do baixista.

Ele que fosse levar no cu.

— Mas o jazz é como o sexo, não é? — disse-lhe eu. — São precisos dois para dar mesmo gozo.

Vi-o esbugalhar os olhos quando a Midori apertou os lábios no que talvez tenha sido um sorriso firmemente refreado.

— Temos todo o gosto em continuar a salvá-lo, se é que foi isso que fizemos — disse ela num tom tão nivelado como uma linha plana num electrocardiograma. — Obrigada.

Sustive o seu olhar por um instante, tentando sem êxito decifrá-lo, depois despedi-me. Escondi-me na casa de banho do Alfie, que media sensivelmente tantos metros quadrados quanto um poste telefónico, e reflecti sobre o facto de ter sobrevivido a alguns dos combates mais brutais do sudeste asiático, a alguns dos piores conflitos de mercenários no mundo, mas ainda não era capaz de me safar das ratoeiras da *Mama*.

Emergi da casa de banho, respondendo ao sorriso rasgado e satisfeito da *Mama* à saída, depois regresssei ao meu lugar. Passado um momento, ouvi a porta do clube abrir-se atrás de mim e deitei um olhar descontraído para lá, para ver quem vinha a entrar. A minha cabeça voltou-se automaticamente para a frente em menos de um segundo, conduzida por anos de treino – o mesmo tipo de treino que impediu a surpresa consequente de me transparecer na expressão.

Era o desconhecido do comboio. O mesmo que eu tinha visto a revisar Kawamura.

4

Trago diversos artigos invulgares no porta-chaves, incluindo várias gazuas rudimentares, que um leigo confundiria com palitos, e um espelho dentário serrado. O espelho pode ser levantado à altura da vista discretamente, particularmente se o utilizador estiver inclinado para a frente, apoiado num cotovelo e com a cabeça amparada na mão.

Dessa posição, tive oportunidade de observar o desconhecido a discutir com uma *Mama* carrancuda no início da segunda parte do espectáculo. Sem dúvida, esta estaria a dizer-lhe que não podia ficar ali, pois não havia lugares vagos e a sala já estava a rebentar pelas costuras. Vi-o levar a mão ao bolso do casaco e retirar dali uma carteira, que depois abriu, revelando algum dos seus conteúdos para a *Mama* inspeccionar. Ela olhou atentamente o objecto, depois sorriu e esboçou um gesto magnânimo na direcção da parede mais distante. O desconhecido caminhou na direcção sugerida e descobriu onde se plantar de pé.

De que trunfo terá ele puxado para cortar as vazas à *Mama*? Um documento de identificação da autoridade responsável pelo licenciamento da venda de bebidas alcoólicas em Tóquio? Um distintivo da Polícia? Vigiei-o durante toda a segunda parte, mas não me deu qualquer indício, permanecendo inexpressivamente encostado à parede.

Quando o concerto terminou, tinha uma decisão para tomar. Por um lado, partia do princípio que ele estava ali por causa de Midori e queria vigiá-lo para confirmar e ver o que mais conseguia descobrir. Por outro, se ele tivesse alguma ligação a Kawamura, talvez soubesse que o ataque cardíaco tinha sido induzido e era capaz de me reconhecer do comboio, onde tínhamos trocado meia dúzia de palavras sobre o corpo prostrado

da vítima. O risco era curto, mas tal como o Crazy Jake gostava de dizer, a penalização em caso de falhanço era grande. Alguém podia descobrir a minha nova aparência física e o casulo de anonimato que tecera com tanto cuidado romper-se-ia.

Além disso, se ficasse para a assistir à interação dele com Midori, não teria como segui-lo depois de partir. Para esse efeito, teria de partilhar com ele o elevador do Alfie, que tinha capacidade para cinco pessoas, ou então de ter esperança, embora a probabilidade de sucesso fosse pequena, de ultrapassá-lo descendo a correr pelas escadas, caso em que ele talvez me topasse. E se ele chegasse à rua primeiro, quando o apanhasse já teria sido arrastado pelas marés pedestres que varrem a Roppongi-dori.

Embora fosse frustrante, tinha de sair dali primeiro. Quando esmoeceram os aplausos ao fim da segunda parte, vi o desconhecido abrir caminho entre empurrões rumo ao palco. Estavam vários fregueses em pé, a andar por ali, e coloquei-os entre nós os dois a caminho da saída.

Mantendo as costas viradas para o palco, parei para devolver o que restava do meu Cao Lila. Tornei a agradecer à *Mama* por me ter deixado entrar sem lugar marcado.

— Vi-o a falar com Kawamura-san — comentou ela. — Custou assim tanto?

Respondi-lhe com um sorriso:

— Não, *Mama*, não doeu nada.

— Porque é que se vai embora tão cedo? Devia aparecer mais vezes.

— Vou ter de fazer isso, mas hoje tenho outros planos.

Ela encolheu os ombros, talvez desiludida por as suas maquinações terem surtido tão pouco efeito.

— Antes que me esqueça — disse-lhe eu —, quem era aquele *gaijin* que entrou a meio da segunda parte? Vi-a a discutir com ele.

— É jornalista — respondeu, limpando um copo. — Está a escrever um artigo sobre a Midori, portanto deixei-o ficar.

— Um jornalista? Isso é ótimo. Trabalha para que publicação?

— Para uma revista ocidental qualquer. Não me lembro qual.

— Ainda bem para a Midori. Vai mesmo ser uma estrela. — Fiz-lhe uma festa na mão. — Boa noite, *Mama*. Até à próxima.

Desci pelas escadas até à rua, depois atravessei a Roppongi-dori e esperei do outro lado, no supermercado Meidi-ya, onde fingi que estudava a selecção de champanhes. Ah, um Moët de 1988 – é bom, mas mau negócio por 35 000 ienes. Fui lendo o rótulo e vigiando o elevador do Alfie pela janela.

Por uma questão de hábito, dei uma vista de olhos aos outros pontos onde faria sentido que alguém se instalasse se estivesse à espera de uma

pessoa à saída do Alfie. Talvez se pudesse esperar num carro estacionado na rua, mas não havia garantias de se encontrar lugar para estacionar, portanto era pouco provável que alguém optasse por isso. Havia a cabine telefónica ao pé do Meidi-ya, onde um japonês de cabelo à escovinha, casaco de cabedal preto e óculos escuros que lhe tapavam os olhos por completo, estava a falar ao telefone quando saí da escadaria. Reparei que continuava lá, virado de frente para a entrada do Alfie.

O desconhecido apareceu passado cerca de um quarto de hora e virou à direita na Roppongi-dori. Esperei um momento, aguardando pela reacção do Homem do Telefone, e é certo que pousou o auscultador e arrancou pela rua abaixo, na mesma direcção.

Saí do Meidi-ya e virei à esquerda, para o passeio. O Homem do Telefone já estava a atravessar a rua para o lado onde ia o desconhecido, sem sequer esperar até chegar à passadeira. Praticava um estilo de vigilância descarado: tinha desligado o telefone assim que o desconhecido aparecera, mantido contacto visual constante com a porta do clube até então, e feito um avanço súbito para atravessar a rua. Além do mais, estava a segui-lo de demasiado perto, o que foi um erro, pois permitiu-me ir atrás dele. Perguntei-me por instantes se trabalharia para o desconhecido, talvez como guarda-costas, ou algo assim, mas não estava suficientemente perto dele para ser eficaz nessa qualidade.

Viraram os dois à direita, apanhando a Gaienhigashi-dori em frente ao Almond Cafe, com o Homem do Telefone a seguir a menos de dez passos atrás do outro. Atravessei a rua para ir atrás deles, acelerando porque o semáforo já tinha mudado.

Isto é uma parvoíce, pensei. Estás metido no meio da operação de vigilância de outra pessoa qualquer. Se houver mais do que um operacional em acção e tiverem equipamento fotográfico, ainda ficam com um retrato teu.

Imaginei que o Benny tinha destacado uma equipa B para tratar de Kawamura, fazendo-me passar por parvo, e soube logo que isso eram riscos que não deixaria de correr.

Segui-os durante vários quarteirões, reparando que nenhum dos dois se mostrava minimamente preocupado com o que se passava atrás de si. Da parte do desconhecido, não vi qualquer comportamento no sentido de despistar a vigilância – não fazia mudanças de direcção nem paragens que, por mais inocentes que parecessem, pudessem obrigar um perseguidor a expor-se.

Nos limites da confusão que é a rua Roppongi, onde as multidões começam a dispersar-se, o desconhecido virou para dentro de um dos Starbucks que têm vindo a ser responsáveis pela extinção dos *kissaten*, os cafés de bairro. O Homem do Telefone, previsível como a Estrela Polar, descobriu

uma cabine telefónica alguns metros mais à frente. Atravessei a rua e entrei numa casa chamada Freshness Burger, onde encomendei o prato homónimo e me sentei à janela. Vi o desconhecido fazer o seu pedido no Starbucks e sentar-se à mesa.

Apostava que o Homem do Telefone estava sozinho. Se fizesse parte de uma equipa, teria feito mais sentido retirar-se e trocar de posição com um colega em alguma altura, para evitar ser detectado. Além disso, as minhas verificações periódicas, à medida que tínhamos vindo a descer a rua, não tinham revelado ninguém atrás de mim. Se ele tivesse vindo com uma equipa e fossem todos tão distraídos como parecia ser aquele colega, eu teria topado os outros facilmente durante o percurso.

Sentei-me calado, a vigiar a rua, o desconhecido que tomava a sua bebida no Starbucks enquanto ia olhando para o relógio. Ou estava à espera que alguém fosse ter com ele ali, ou estava a fazer horas antes de uma reunião noutra sítio qualquer.

Veio a confirmar-se a primeira hipótese. Passado cerca de meia hora, surpreendi-me ao ver Midori descer a rua na nossa direcção. Vinha a espreitar para as montras das lojas pelo caminho, por fim viu o letreiro do Starbucks e entrou.

O Homem do Telefone puxou de um telemóvel, carregou numa tecla e levou o aparelho ao ouvido. Bem jogado para um gajo que está plantado dentro de uma cabine telefónica. Reparei que não lhe tinha sido necessário marcar o número todo, portanto, quem quer que fosse o destinatário da chamada, o seu contacto estava definido para marcação rápida, seria alguém a quem ele ligava com frequência.

O desconhecido levantou-se quando viu Midori aproximar-se da sua mesa e fez uma vénia formal. A vénia foi bem feita e percebi logo que se tratava de alguém que estava no Japão há já algum tempo, que teria à-vontade com a língua e a cultura. Midori retribuiu a vénia mas desenhando um ângulo menor, manifestando alguma incerteza na sua postura. Presumi que não se conheciam bem. Apostava que se tinham encontrado pela primeira vez no Alfie.

Olhei para o Homem do Telefone e vi-o guardar o telemóvel. Ficou onde estava.

O desconhecido convidou Midori a sentar-se com um gesto; esta aceitou e ele seguiu-lhe o exemplo. Apontou para o balcão, mas Midori abanou a cabeça. Não estava pronta para partilhar nada com aquele homem.

Observei-os durante cerca de dez minutos. À medida que a conversa entre os dois se desenrolava, os gestos do desconhecido foram-se desfazendo em súplicas, enquanto a postura de Midori se endurecia cada vez mais. Finalmente, ela levantou-se, fez uma vénia rápida e começou a recuar. O

desconhecido retribui-lhe a vénia, mas a sua foi muito mais vincada e de certa forma desajeitada.

Quem devia eu seguir agora? Optei por deixar isso ao critério do Homem do Telefone.

Quando Midori saiu do Starbucks e regressou na direcção da rua Roppongi, o Homem do Telefone viu-a afastar-se mas manteve a sua posição. Portanto era o desconhecido quem lhe interessava, pelo menos, era quem lhe interessava mais.

O desconhecido saiu pouco depois de Midori, voltando atrás, para a estação de Hibiya na Roppongi-dori. Eu e o Homem do Telefone fomos atrás, mantendo os nossos posicionamentos anteriores. Continuei a acompanhá-los até aos carris, esperando a uma carruagem de distância em relação aos dois até ter chegado um comboio rumo a Ebisu, que todos nós apanhámos. Mantive-me de costas para ambos, vigiando os reflexos dos dois nos vidros, até que o comboio parou em Ebisu e os vi desembarcar.

Desci da carruagem passado um momento, na esperança de que o desconhecido estivesse a afastar-se de mim, mas estava a vir na minha direcção. Merda. Abrandei o andamento, depois parei frente a um mapa na estação, estudando-o de um ângulo que não permitisse a nenhum dos dois ver-me a cara de passagem.

Era tarde e só estava meia dúzia de pessoas a sair do metro connosco. Mantive um troço de escada rolante inteiro entre mim e eles quando subíamos das entranhas da estação, depois deixei-os ganhar uns bons vinte metros de avanço antes de partir no seu encaicho da saída do metro.

À beira de Daikanyama, um subúrbio fino de Tóquio, o desconhecido virou para dentro de um grande condomínio. Vi-o introduzir a chave na porta da entrada, que abriu electronicamente para depois se fechar atrás dele. Obviamente, o Homem do Telefone apercebeu-se do mesmo que eu e deu cerca de vinte passos depois de passar pela entrada, só então parando para puxar do telemóvel, premir uma tecla e falar alguns instantes. Depois tirou um maço de tabaco, acendeu um cigarro e sentou-se no passeio.

Não, este gajo não jogava na equipa do desconhecido, hipótese esta que eu chegara a admitir. Estava sim a persegui-lo.

Desloquei-me para as sombras nas traseiras de um pequeno parque de estacionamento comercial e aguardei. Quinze minutos mais tarde, uma mota vermelha, de competição, com o tubo de escape modificado para produzir o máximo de ruído possível, à laia do de Godzilla, entrou na rua com um rugido. O *motard*, equipado com um fato de cabedal vermelho a condizer e um capacete que lhe cobria a cabeça por inteiro, encostou à frente do Homem do Telefone. O Homem do Telefone apontou para o prédio do

desconhecido, montou-se nas traseiras da mota e arrancaram para dentro da noite.

Poucas dúvidas havia de que o desconhecido morava ali, mas o prédio incluía centenas de apartamentos e não havia maneira de adivinhar qual era o dele, nem de identificar o nome do homem. Além disso, o condomínio teria pelo menos dois pontos de saída, portanto era escusado esperar. Fiquei até o som da mota ter desaparecido antes de me levantar e ir ver qual era a morada. Depois dei meia volta em direcção à estação Ebisu.

S

Em Ebisu, apanhei o metro na linha Hibiya até à estação homónima, onde mudaria para a linha Mita a caminho de casa. No entanto, nunca mudo directamente de um comboio para o outro e saí da estação primeiro, para fazer um PDV.

Parei na loja de música Tsutaya e abri caminho pelo meio das pitas vestidas de *grungers* que estavam a ouvir as últimas novidades da pop japonesa nos auscultadores fornecidos pela loja, a abanarem a cabeça ao som da música. Em direcção ao fundo da loja, fui parando aqui e ali para ver CDs nas prateleiras que estavam viradas para a porta, levantando o olhar para ver se vinha alguém atrás de mim.

Peguei nalguns álbuns na secção de música clássica e depois passei ao jazz. Por impulso, procurei para ver se a Midori tinha algum CD. Tinha. Chamava-se *Another Time*. A capa mostrava-a em pé, debaixo de um candeeiro de rua, naquilo que parecia ser uma das zonas mais manhosas de Shinjuku, com os braços cruzados à frente do corpo, o perfil escondido nas sombras. Não reconheci a editora – ainda devia ser uma casa pequena. Ela ainda não tinha estatuto, mas achei que a *Mama* tinha razão, ainda havia de lá chegar.

Comecei a devolvê-lo ao devido lugar na prateleira, depois pensei: *isto é só música, porra. Se gostas, compra*. Ainda assim, talvez algum funcionário se lembrasse de mim, portanto levei uma selecção de instrumentais de jazz de outro artista qualquer e alguns concertos de Bach a caminho da caixa. Escolhi uma fila comprida, um funcionário com um ar chateado. Paguei em dinheiro. O tipo não se lembraria de nada, excepto que alguém com-

prara meia dúzia de CDs, talvez de música clássica, talvez de jazz. Não que alguém se desse ao trabalho de lhe perguntar.

Concluí o PDV e levei os CDs para o meu apartamento em Sengoku. Sengoku fica no Nordeste da cidade, perto do que resta de Tóquio antiga, na zona a que os indígenas chamam *Shitamachi*, a baixa. É uma zona antiga, tendo muito dela sobrevivido tanto ao Grande Terramoto de Kanto, em 1923, como aos bombardeamentos que incendiaram o local durante a guerra. O bairro não tem vida nocturna excepto nos *nomiya*, os tascos que há por lá, e não tem zonas comerciais, portanto não passam muitos transeuntes. A maior parte dos habitantes são *Edoko*, os genuínos nativos de Tóquio, que moram e trabalham nos seus estabelecimentos familiares, nos seus minúsculos bares e restaurantes. «Sengoku» quer dizer «as mil pedras.» Não sei qual a origem desse nome, mas sempre gostei dele.

Não é o meu lar, mas é o mais próximo disso que alguma vez tive. Depois de o meu pai ter falecido, a minha mãe levou-me de volta aos Estados Unidos. Face àquela perda e às convulsões subjacentes na vida dela, creio que a minha mãe se sentiu desejosa de estar perto dos seus pais, que pareciam igualmente ansiosos por se reconciliarem. Instalámo-nos numa povoação chamada Dryden, no Norte do Estado de Nova Iorque, onde ela aceitou emprego como professora de japonês na Universidade de Cornell, perto de casa, enquanto eu me matriculei no ensino público.

Dryden era uma povoação predominantemente branca, proletária, e as minhas feições asiáticas e o meu inglês com sotaque tornaram-me presa favorita dos rufias lá da terra. As minhas primeiras lições práticas em tácticas de guerrilha foram dadas pela população indígena de Dryden: caçavam-me em matilhas e eu contra-atacava à minha maneira, quando eles estavam sós e vulneráveis. Compreendi a mentalidade guerrilheira muitos anos antes de ter aterrado em Da Nang.

A minha mãe ficou transtornada com as nódoas negras e os nós dos dedos esfolados com que eu aparecia constantemente em casa, mas andava demasiado distraída com o seu novo cargo na universidade e o esforço por remendar a relação com os pais para intervir. Passei a maior parte desses anos com saudades do Japão.

Portanto, fui crescendo inadaptado, só depois aprendi a arte do anonimato. Nesse sentido, Sengoku é uma anomalia na minha vida. Escolhi a zona antes de o anonimato se ter tornado num factor a ter em conta, e deixei-me ficar racionalizando que o mal já estava feito. É o tipo de sítio onde todos nos conhecem pelo nome, todos se convencem de que sabem da nossa vida. De início, senti-me pouco à-vontade por todos me reconhecerem, por todos me identificarem. Pensei mudar-me para a parte ocidental da cidade. O Oeste é a cara chapada de Tóquio e não tem nada que ver

com o resto do Japão. É um sítio barulhento e agitado e novo, um corrúpio de multidões cafeinadas que nos torna alienados e anónimos. Podia ir para lá, integrar-me, desaparecer.

Mas a velha baixa tem uma certa mística e é difícil imaginar-me a deixá-la. Gosto do caminho entre o metro e minha casa ao entardecer, de subir a rua ladeada de pequenas lojas pintadas de verde e vermelho, de maneira que parece sempre festiva, mesmo na escuridão antecipada do Inverno. Há um casal de meia-idade que tem uma loja de pechinchas na esquina e que me cumprimenta com um: «*okaeri nasai!*» – bem-vindo a casa! – quando nos cruzamos à noite, em vez do habitual «*kon ban wa*», ou boa noite. Há a velhota roliça e bem-disposta que gere o clube de vídeo com o grande letreiro amarelo à frente e as janelas forradas com cartazes dos últimos lançamentos de Hollywood, cuja porta fica sempre aberta quando o tempo está fresco. Tem de tudo no catálogo, desde filmes da Disney à pornografia mais badalhocá, e, entre o meio-dia e as dez da noite, senta-se como um Buda satisfeito na sua lojinha, a ver os seus próprios artigos numa TV junto à caixa. Depois há a Mulher-Polvo, que vende *takoyaki* – polvo frito – de uma janela virada para a rua na sua casa antiquíssima, senhora gasta pelo acumular dos anos e farta do seu trabalho aborrecido, que passou a assemelhar-se às criaturas que serve no prato. Todas as noites arrasta os pés ao fogão, decantando as suas poções em gestos inconscientes, repetitivos, e às vezes, quando passo por lá, vejo passar crianças a correrem sorridentes, bichanando: «*tako onna! Ki o tsukete!*» É a Mulher-Polvo! Cuidado! E há a casa de Yamada, professor de piano, de onde ao fim das tardes de Verão, quando a noite chega tarde, saem notas suaves que pairam preguiçosas rua abaixo, misturando-se com o arrastar de chinelos dos banhistas que regresam do *senjo*, o banho público do bairro.

Passei muito tempo a ouvir a música de Midori nesse fim-de-semana. Chegava a casa, vindo do escritório, punha água a ferver para um jantar de massa *ramen*, depois sentava-me com as luzes apagadas e a música a tocar, descontraindo, seguindo atrás das notas. Enquanto ouvia a música, olhando da janela da varanda para as ruas estreitas e sossegadas de Sengoku, pressentia a presença do passado mas sentia-me a salvo dele.

Os ritmos e rituais do bairro, demasiado subtis para os apreciar no início, têm vindo a infiltrar-se em mim de mansinho com o passar dos anos. Entranharam-se, contagiaram-me, tornaram-se parte de mim. Em certo sentido, um pequeno passo para fora da obscuridade não parece um preço tão alto assim para se pagar por estes privilégios. Além disso, expor-me é de certo modo uma desvantagem, mas também tem a sua utilidade. Em Sengoku não há locais anónimos onde um estranho possa sentar-se e aguardar que o alvo chegue. E até a Mamã e o Papá arrumarem os artigos na loja à

noite e correrem as portas de metal ondulado, estão sempre por ali, a vigiar a rua. Quem não for de Sengoku, há-de chamar a atenção do povo, que ficará a pensar no que o estranho andará a fazer ali. Quem pertence àquele meio, bem... esses dão nas vistas de uma maneira diferente.

Acho que sou capaz de conviver com isso.

6

Na semana seguinte combinei encontrar-me com o Harry para almoço no *sobaya* Issan. Não ia ser capaz de largar mão deste pequeno mistério e sabia que precisava da ajuda dele para desvendá-lo.

O Issan fica numa velha casa de madeira em Meguro, a cerca de cinquenta metros da Meguro-dori e a cinco minutos a pé da estação com o mesmo nome. Absolutamente despretenso, serve das melhores massas *soba* que há em Tóquio. Gosto do Issan não só pela qualidade das suas *soba*, como também pelo seu ar castiço: tem um pequeno armário de perdidos e achados junto à porta da frente, cujos conteúdos não mudaram na década desde que descobri o lugar. Às vezes pergunto-me o que diriam os proprietários se aparecesse algum freguês que exclamasse: «finalmente! Aqui está a minha calçadeira de casca de tartaruga – há anos que estou à procura disto!»

Uma das pequenas empregadas de mesa do restaurante acompanhou-me até a uma mesa baixa numa pequena sala atapetada com *tatamis*, e então ajoelhou-se para tomar nota do meu pedido. Escolhi uma dose da entrada do dia, *umeboshi*, ameixas de conserva para roer enquanto esperava pelo Harry.

Este chegou cerca de dez minutos mais tarde, conduzido pela mesma empregada que me tinha levado ao meu lugar.

— Suponho que foi excesso de fé ter esperado que tornasses a escolher o Las Chicas — disse ele, olhando em volta para as paredes antigas e os sinais esbatidos.

— Decidi que está na hora de conheceres um Japão mais tradicional — respondi. — Acho que andas a passar demasiado tempo nas lojas de

electrónica em Akihabara. Que tal experimentares uma coisa mais clássica? Recomendo-te o *yuzukiri*. — *Yuzukiri* é massa *soba* temperada com o sumo de um citrino japonês delicado, chamado *yuzu*, e é uma das especialidades da casa no Issan.

A empregada voltou e tomou nota do nosso pedido: dois *yuzukiri*. O Harry disse-me que não tinha conseguido desenterrar nada de particularmente esclarecedor sobre Kawamura, apenas pormenores biográficos de natureza geral.

— Fez a carreira toda no Partido Liberal Democrata — explicou o Harry. — Formou-se na Universidade de Tóquio em 1960, curso de ciências políticas, entrou directamente para o Governo juntamente com o resto da nata académica.

— Os Estados Unidos bem podiam aprender qualquer coisa com isso. Lá, ao Governo só chega o refugo das faculdades. É como quem semeia as sementes de milho mais mirradas.

— Já trabalhei com alguns deles — disse o Harry. — Em todo o caso, o Kawamura começou o seu percurso político a definir normas para regulamentar a indústria japonesa de consumíveis electrónicos no Ministério do Comércio Internacional e da Indústria. O MCII trabalhava com empresas como a Panasonic e a Sony para consolidar a posição do Japão na economia mundial, e o Kawamura tinha muito poder para um gajo de vinte e tal anos. Foi sendo regularmente promovido na hierarquia burocrática, num percurso bem sucedido mas não espectacular. Dou-lhe pontos por ter arquitectado linhas de orientação estratégica para a rede nacional de semicondutores na década de oitenta.

— Isso já foi tudo desacreditado — disse eu distraído.

O Harry encolheu os ombros.

— Fez render o crédito enquanto pôde. Do MCII, transitou para o Kensetsusho, o antigo Ministério da Construção, e permaneceu lá como vice-ministro do Território e das Infra-Estruturas quando a pasta da Construção foi assimilada pelo Kokudokotsusho.

Fez uma pausa e passou com os dedos pelo seu cabelo desgrenhado, em nada contribuindo para melhorar o penteado.

— Escuta, a maior parte do que tenho para te contar são dados biográficos básicos. Precisas de me dar uma noção melhor daquilo que devo procurar, caso contrário, talvez nem o reconheça se o vir.

— Não sejas tão duro contigo próprio, Harry. Vamos só continuar a tentar resolver o problema, está bem? — Fiz uma pausa, admitindo que isto era arriscado e ciente de que, se quisesse desvendar este mistério, era um risco que estava disposto a correr.

Contei-lhe o que tinha visto no Alfie e o que aconteceu depois, falei-lhe de como segui o desconhecido até ao condomínio em Daikanyama.

Ele abanou a cabeça.

— Quem diria que te ias cruzar assim com a filha do Kawamura? Nem quero acreditar.

Olhei para ele atentamente, sem saber ao certo se acreditava em mim. Disse-lhe:

— *Seken wa semai yo.* — O mundo é pequeno.

— Ou então é o destino — disse ele, com uma expressão impenetrável.

Porra, quanto é que este puto já sabe?

— Não sabia que acreditavas no destino, Harry.

Encolheu os ombros.

— Achas que há alguma ligação entre o que viste e o assalto à casa do Kawamura?

— É possível. O gajo do comboio estava a procura de alguma coisa no corpo do Kawamura. Não consegui encontrar nada. Então, invadiu o apartamento do homem. Ainda assim, não achou o que procurava. Agora está convencido de que é a filha quem o tem, suponho que seria lógico ser ela a ficar com os pertences do pai.

A empregada trouxe-nos as duas doses de *yuzukiri*. Sem fazer barulho nenhum, ajoelhou-se no *tatami*, depositou cada um dos pratos na mesa, reposicionou-os ligeiramente de acordo com um qualquer enquadramento mental rígido, levantou-se, fez uma vénia e saiu.

Quando acabámos de comer, o Harry encostou-se à parede e deu um arroteo lento e grave.

— Estava bom — concedeu.

— Eu sei.

— Quero fazer-te uma pergunta — disse ele. — Se não quiseres, não tens de responder.

— Está bem.

— O que tens a ganhar com isto? Porque é que te estás a esforçar tanto? Não parece teu.

Passou-me pela cabeça dizer-lhe que estava a fazê-lo para um cliente, mas sabia que ele não era gajo para acreditar nisso.

— Algumas das coisas que têm vindo a acontecer não batem certo com o que o cliente me contou — disse eu. — Isso incomoda-me.

— Incomoda-te a este ponto?

Estava visto que ele hoje não me ia largar.

— Isto faz-me lembrar de uma coisa que me aconteceu há muito tempo — disse eu, falando verdade. — Algo que quero garantir que nunca torna a acontecer. Para já, fiquemo-nos por aqui.

Ele levantou as mãos por um instante, com as palmas viradas para a frente em sinal de súplica, depois debruçou-se e apoiou os cotovelos na mesa.

— Está bem. Quanto ao gajo que seguiste, podemos presumir que mora no condomínio. Há um bom número de estrangeiros a morarem em Daikanyama, mas não creio que viva mais do que uma dúzia naquele prédio específico. Sendo assim, parece que as coisas não estão com má cara.

— Ótimo.

— A *Mama-san* disse-te que ele se apresentou como jornalista?

— Disse, mas isso não quer dizer muito. Acho que ele lhe mostrou um cartão, mas podia ser falso.

— Talvez, mas é um ponto de partida. Vou tentar confrontar os estrangeiros que encontrar registados nessa morada com as declarações arquivadas no Nyukan, para ver se alguma das pessoas que identificar trabalha para a imprensa.

O Nyukan, ou Nyukokukanrikyoku, é o serviço de estrangeiros e fronteiras do Japão, pertencente ao Ministério da Justiça.

— Faz isso. E enquanto estiveres com a mão na massa, vê se consegues descobrir a morada de casa da rapariga. Já tentei o 118, mas ela não está na lista.

Ele coçou a bochecha e baixou o olhar, como se tentasse esconder um sorriso.

— O que foi? — disse eu.

Levantou a vista.

— Gostas dela.

— Oh, por amor de Deus, Harry...

— Julgavas que se ia abrir para ti, em vez disso deu-te com os pés. Agora é um desafio. Queres outra oportunidade.

— Estás a sonhar, Harry.

— É gira? Diz-me só isso.

— Não te vou dar essa satisfação.

— Portanto é gira. Gostas dela.

— Andas a ler demasiada *manga* — disse eu, referindo-me aos livros de banda desenhada rasca, grossos e muitas vezes lascivos, que tanto sucesso fazem no Japão.

— Está bem, pronto — disse ele, e eu pensei: *bolas! Ele lê mesmo aquelas merdas e ficou magoado comigo.*

— Vá lá, Harry, preciso da tua ajuda para chegar ao fundo da questão. Aquele gajo no comboio estava à espera que o Kawamura trouxesse alguma coisa com ele e foi por isso que o revistou. No entanto, não encontrou o que queria – caso contrário, não teria andado a fazer perguntas à Midori.

Agora, diz-me tu: quem é que tem actualmente em sua posse todos os pertences do Kawamura, incluindo as roupas que ele tinha vestidas e os artigos pessoais que levava consigo quando morreu?

— Muito provavelmente a Midori — concedeu com um ligeiro encolher de ombros.

— Certo. Continua a ser a melhor pista que temos. Arranja-me a informação que preciso e partimos daí.

Conversámos sobre outros assuntos até acabarmos o almoço. Não lhe falei do CD. Ele já tinha chegado a conclusões suficientes sozinho.

7

No dia seguinte recebi uma mensagem do Harry, que usou um código numérico pré-estabelecido para me comunicar que tinha colocado alguma coisa num fórum que costumamos usar. Calculei que fosse a morada de Midori e o Harry não me defraudou.

Ela morava num pequeno condomínio chamado Harajuku Badento Haitsu – Picos Verdejantes de Harajuku – à sombra dos arcos graciosos do Estádio Olímpico de Tóquio, desenhado por Tange Kenzo para a prova de 1964. Harajuku é a zona da moda que abrange os silêncios prolongados e as solenes criptomérias do parque Yoyogi e respectivo santuário Meiji; o desvario frenético dos adolescentes consumistas na Takeshita-dori; e as boutiques e os bistros elegantes de Omotesando.

O Harry confirmara que Midori não tinha nenhum automóvel registado na Direcção- Geral de Veículos de Tóquio, o que implicava que estava dependente dos comboios: fossem eles da ferroviária japonesa, a JR, que poderia apanhar na estação de Harajuku, ou de uma das linhas de metro, às quais teria acesso nas paragens de Meijijingu-mae ou Omotesando.

O problema era que as estações da JR e de metro ficavam em direcções opostas, e havia igual probabilidade de ela usar qualquer uma delas. Na ausência de qualquer afunilamento que condicionasse o acesso a ambos os grupos de estações, eu não tinha bases para apostar numa ou noutra alternativa. Teria simplesmente de encontrar o melhor local onde esperar e vigiá-la, de modo a poder tomar uma decisão mais informada.

A Omotesando-dori, rua onde se situavam as paragens de metro, cumpria os requisitos. Conhecida como os «Campos Elísios de Tóquio», pese embora, sobretudo entre aqueles que nunca foram a Paris, a Omote-

sando-dori é uma grande avenida ladeada de ulmeiros cujas folhas estreitas constituem, todos os anos, primeiro uma coroa e depois um tapete amarelo durante alguns dias no Outono. Os seus vários bistros e cafés foram desenhados com o propósito de permitirem ver passar o povo como se faz em Paris, e eu poderia passar uma ou duas horas a vigiar a rua de vários estabelecimentos sem chamar a atenção.

Porém, a não ser que tivesse muita sorte, tinha uns dias muito aborrecidos de espera e vigilância pela frente, mas o Harry tinha uma inovação para me poupar: um meio de converter remotamente um telefone em microfone.

O truque só funciona com telefones digitais com alta-voz, onde se possa ter linha mesmo quando o auscultador está no descanso. O som chega abafado, mas dá para se ouvir. Antecipando o meu passo seguinte, o Harry já tinha testado a linha de Midori e informara-me de que estava tudo em condições.

Às dez da manhã do sábado seguinte, cheguei ao café Aoyama Blue Mountain na Omotesando-dori, equipado com um pequeno aparelho que activaria o telefone de Midori e um telemóvel para escutar o que quer que apanhasse em casa dela. Sentei-me a uma das pequenas mesas viradas para a rua, onde pedi um café a uma empregada de ar enfadado. Observando as multidões matinais que passavam pouco densas, premi o botão do aparelho e ouvi um ténue sopro no auricular, o que me indicou que a ligação estava feita. Fora isso, só silêncio. Não havia nada a fazer senão esperar.

Uma equipa de operários de construção tinha-se instalado a poucos metros da entrada do Blue Mountain, onde estavam a tapar buracos na estrada. Quatro trabalhadores atarefavam-se a misturar areia grossa e a doseá-la na medida certa – sensivelmente mais dois homens do que a tarefa exigia, mas a *yakuza*, a máfia japonesa, trabalha em estreita ligação com a indústria da construção civil e insiste que os empregados tenham trabalho. O Governo, satisfeito com esta via alternativa para a criação de emprego, é cúmplice. Mantém-se assim o desemprego em níveis socialmente toleráveis. A engrenagem continua a carburar.

Como vice-ministro do Kokudokotsusho, o pai de Midori teria a seu cargo a área da construção e a maioria dos grandes projectos de obras públicas executados em todo o território japonês. Devia ter estado atolado até ao pescoço em muitas destas actividades. Não é grande surpresa que alguém tenha querido que a vida dele tivesse um fim antecipado.

Dois homens de meia-idade, fato preto e gravata, as vestes fúnebres japonesas nos tempos modernos, saíram do café e o cheiro da areia quente chegou em lufadas até à minha mesa. Esse aroma fez-me lembrar da minha infância no Japão, dos finais de Verão em que a minha mãe me levava a pé à

escola no primeiro dia do novo ano lectivo. As ruas pareciam estar sempre em vias de receber novos tapetes nessa altura do ano, e este tipo de construção continua a cheirar-me a presságio de mais um assalto de ostracismo e perseguição à minha pessoa.

Às vezes tenho a sensação de que a minha vida se divide em segmentos. Até lhes chamaria capítulos, mas as peças estão divididas de forma tão abrupta, que falta ao todo a continuidade que os capítulos transmitiriam. O primeiro segmento termina com a morte do meu pai, um acontecimento que destroçou o meu mundo previsível e seguro, substituindo-o por vulnerabilidade e medo. Dá-se outro corte quando recebo o curto telegrama do exército a informar-me da morte da minha mãe, dando-me licença para voltar à pátria e ir ao funeral. Juntamente com a minha mãe, perdi um certo centro de gravidade emocional, um regulador psíquico remoto que governava o meu comportamento, e fui inundado de uma nova e terrível sensação de liberdade. O Camboja foi outro momento de rotura, um passo mais largo rumo às trevas.

Estranhamente, o dia em que a minha mãe me levou de nossa casa, no Japão, para os Estados Unidos, nunca representou uma linha divisória, nem na altura, nem agora. Eu era alheio a ambos os locais e a mudança limitou-se a confirmar esse estatuto. Tampouco alguma das minhas digressões geográficas subsequentes teve um impacto particularmente notável. Durante uma década após o funeral do Crazy Jake, deambulei pelo mundo como mercenário, desafiando os deuses para me matarem, mas sobrevivendo porque parte de mim já estava morta.

Estava a combater lado a lado com os cristãos libaneses em Beirute quando a CIA me recrutou para treinar os guerrilheiros Mujahideen que se batiam contra os soviéticos no Afeganistão. Fui a escolha perfeita para o papel: tinha experiência de combate e historial de mercenário, o que possibilitava ao Governo negar toda e qualquer relação comigo.

Para mim, tem havido sempre uma guerra, e o período anterior a essa vida parece-me irreal, como que um sonho. A guerra é a base que sustenta a minha abordagem a tudo o resto. A guerra é a única coisa que verdadeiramente conheço. Conhecem aquela parábola budista?... «Um monge acordou de um sonho em que era borboleta, então interrogou-se se não seria, afinal, uma borboleta a sonhar que era homem».

Pouco depois das onze, ouvi sons de movimento no apartamento de Midori. Passos, depois água a correr, que presumi tratar-se de um chuveiro. Ela trabalhava à noite, lembrei-me eu; era natural que se levantasse tarde. Então, perto do meio-dia, ouvi fechar-se uma porta exterior e o clique mecânico de um trinco, e percebi que ela estava finalmente de saída.

Paguei os dois cafés que tinha bebido e desci a Omotesando-dori, onde

comecei a caminhar tranquilamente rumo à estação ferroviária de Harajuku. Queria chegar ao viaduto para peões em Harajuku. Este dar-me-ia uma vista panorâmica, mas também me deixaria exposto, portanto não podia demorar-me lá.

Cheguei em boa altura. Só tive de esperar um instante no viaduto antes de a ter avistado. Aproximava-se vinda do seu prédio e virou à direita quando chegou à Omotesando-dori. A partir daí, foi-me fácil segui-la.

Tinha o cabelo apanhado num rabo-de-cavalo, os olhos escuros escondidos por óculos de sol. Vestia calças pretas, justas, uma camisola preta com gola em V e andava com uma passada confiante, determinada. Tive de admitir que lhe ficava bem.

Deixa-te de tretas, disse para comigo. *Não interessa nada para o caso se ela está ou não está gira.*

Trazia na mão um saco de compras que, pela sua cor castanha característica, percebi ter vindo da Mulberry, a marca inglesa de artigos de pele. Tinham uma loja em Minami Aoyama e perguntei-me se ela estaria a caminho de lá, para devolver alguma coisa.

A meio caminho da Aoyama-dori, entrou na Paul Stuart. Eu podia ter entrado a seguir, podia ter tentado provocar o nosso encontro accidental ali, mas estava curioso para saber onde mais iria ela e decidi esperar. Instalei-me na galeria Fouchet, do outro lado da rua, onde contemplei vários quadros que davam vista para a via até ela ter emergido, com um saco da Paul Stuart na mão, vinte minutos mais tarde.

A próxima paragem foi na Nicole Farhi London. Dessa feita, esperei por ela no Aoyama Flower Market, no rés-do-chão do edifício La Mia. Dali, ela seguiu por uma série de ruelas secundárias anónimas na zona de Omotesando, parando periodicamente para dar uma vista de olhos às boutiques do bairro, até ter desembocado na Koto-dori, onde voltou à direita. Fui acompanhando, deixando-me ficar para trás e do lado oposto da rua, até a ter visto entrar no Le Ciel Bleu.

Escondi-me na loja da J.M. Weston – Tóquio, a admirar os sapatos fabricados à mão que estavam expostos nas montras que me davam vista para o Le Ciel Bleu. Fui fazendo contas de cabeça. Parecia que o gosto dela era essencialmente europeu. Evitava frequentar lojas grandes, mesmo as de mais alto nível. Parecia estar a completar um circuito que a levaria de volta ao seu apartamento. E trazia aquele saco da Mulberry.

Se estivesse, de facto, a caminho de devolver algum artigo à loja, eu tinha hipótese de chegar lá primeiro. Era arriscado porque, se me instalasse lá e ela fosse noutra direcção, perdia-lhe o rasto. Mas se conseguisse antecipar-me e estar à espera na paragem seguinte antes de ela chegar, o encontro pareceria mais fortuito e menos resultante de uma perseguição.

Saí da Weston e avancei rapidamente na Koto-dori, mirando as montras pelo caminho, para manter a cara desviada da posição de Midori. Assim que ultrapassei o Le Ciel Bleu, atravessei a rua e meti-me na Mullbery. Fui até à secção masculina, onde disse à proprietária que só estava a ver o que havia e comecei a examinar algumas das pastas que estavam em exposição.

Passados cinco minutos, ela não me defraudou e entrou na loja, tirando os óculos escuros e retribuindo o *irrashaimase* de boas-vindas da proprietária com um ligeiro vergar da cabeça. Mantendo-a nos limites da minha visão periférica, peguei numa das pastas como que para sopesá-la. Desse ângulo, senti o olhar dela parar em mim e demorar-se mais do que se justificaria para uma vista de olhos casual ao interior da loja. Tirei as medidas à pasta pela última vez, depois pousei-a na prateleira e levantei o olhar. Ela continuava fixa em mim, de cabeça um pouco inclinada para a direita.

Pestanejei uma vez, como se apanhado de surpresa, e aproximei-me.

— Kawamura-san — disse-lhe em japonês. — Que boa surpresa. Ainda na sexta-feira passada a vi no Club Alfie. Foi um concerto espectacular.

Ela avaliou-me em silêncio durante um longo momento antes de responder, e fiquei feliz por a minha aposta ter dado certo. Pressenti que esta mulher inteligente seria cínica quanto às coincidências e, se eu tivesse entrado depois dela, talvez tivesse suspeitado que fora seguida.

— Sim, lembro-me disso — respondeu por fim. — Você é aquele que acha que o jazz é como o sexo. — Antes que eu conseguisse pensar numa resposta digna, continuou: — Escusava de ter feito esse comentário, sabia? Podia tentar ser mais delicado.

Pela primeira vez, estava em condições de reparar no corpo dela. Era magra e tinha pernas compridas, talvez herdadas do pai, cuja altura o tornara fácil de seguir na Dogenzaka. Tinha ombros largos, bela companhia para um pescoço comprido e elegante. Tinha o peito pequeno e não pude deixar de reparar que era bem feito, por baixo da camisola. A pele do peito que estava exposta era linda: macia e branca, emoldurada pelo contraste da gola preta em V.

Olhei-a nos seus olhos escuros e senti dissipar-se a minha vontade habitual de discutir.

— É verdade — admiti. — Peço desculpa.

Fechou os olhos por um instante e abanou a cabeça.

— Gostou do concerto?

— Imenso. Tenho o seu CD e há muito tempo que tinha vontade de ver o seu trio ao vivo, mas viajo muito e foi a primeira oportunidade que tive.

— Viaja para onde?

— Sobretudo para a América e a Europa. Sou consultor — disse num tom que indicava que o meu trabalho seria tema aborrecido para mim. — Nada de tão excitante como ser-se pianista de jazz.

Ela sorriu.

— Acha que ser pianista de jazz é excitante?

Tinha o hábito natural nos interrogadores de devolver o último comentário que o interlocutor fez, encorajando-o a partilhar mais informação. Comigo isso não pega.

— Bem, coloquemos as coisas assim — disse eu —: não me lembro de alguém alguma vez me ter sugerido que a consultoria é como o sexo.

Aí, atirou a cabeça para trás e riu-se, sem se dar ao trabalho de tapar a boca aberta com a mão, o gesto típico e desnecessariamente delicado das mulheres japonesas, e tornei a surpreender-me com a confiança invulgar com que se portava.

— Essa foi boa — disse-me passado um momento, cruzando os braços sobre o peito e cedendo um pequeno sorriso prolongado.

Eu sorri também.

— Então e o que anda a fazer hoje? Compras?

— Uma ou outra coisa. E você?

— O mesmo. Há muito que preciso de uma pasta nova. Nós, consultores, temos de manter as aparências, sabe? — Baixei o olhar para o saco que ela trazia. — Estou a ver que é fã da Paul Stuart. Ia ser a minha próxima paragem.

— É uma boa loja. Conheço-a de Nova Iorque e fiquei contente quando abriram também aqui em Tóquio.

Levantei ligeiramente as sobrancelhas.

— Passou muito tempo em Nova Iorque?

— Algum — disse ela com um sorriso ténue, olhando-me nos olhos.

Raios partam, que não dá o braço a torcer, pensei. Desafia-a.

— Que tal é o seu inglês? — perguntei, mudando de língua.

— Chega para as encomendas — respondeu sem vacilar.

— Vamos beber um café? — perguntei, continuando em inglês e puxando do meu melhor sotaque de Brooklyn.

Tornou a sorrir.

— Isso soa quase genuíno.

— O convite também é.

— Julgava que ia à Paul Stuart.

— E ia, mas agora tenho sede. Conhece o café Tsuta? É excelente, e fica mesmo ao virar da esquina, à beira da Koto-dori.

Continuava de braços cruzados sobre o peito.

— Não conheço.

— Então, tem de experimentar. Koyama-san serve o melhor café de Tóquio e, enquanto o tomamos, podemos ouvir Bach ou Chopin e olhar para um maravilhoso jardim secreto.

— Jardim secreto? — perguntou ela, a tentar ganhar tempo. — Qual é o segredo?

Deitei-lhe um olhar muito sério.

— Koyama-san diz que, se lhe contar, tenho de matá-la. Portanto é melhor ir vê-lo pelos seus próprios olhos.

Tornou a rir-se, encurralada, mas sem dar sinais de se incomodar com isso.

— Acho que primeiro é melhor saber como você se chama — disse ela.

— Fujiwara Junichi — respondi, fazendo automaticamente uma vénia. Fujiwara era o apelido do meu pai.

Ela retribuiu a vénia.

— Prazer em conhecê-lo, Fujiwara-san.

— Deixe-me apresentá-la ao Tsuta — disse eu com um sorriso, e fomos andando.

O caminho até ao Tsuta fez-se em menos de cinco minutos, durante os quais nos fomos entretendo com conversa de circunstância sobre como a cidade tinha mudado ao longo dos anos, as saudades que tínhamos dos tempos em que a avenida à frente do parque Yoyogi encerrava ao trânsito automóvel aos domingos e acolhia um festival delirante de gente mascarada, ao ar livre, numa altura em que a identidade do jazz japonês ainda estava a começar a definir-se em milhares de cafés e bares nas caves da cidade, em que ainda não existia o novo edifício da Câmara Municipal a ferir a vista em Shinjunku, e em que a zona era animada por um ambiente saudoso, romântico e enérgico. Gostei de falar com ela e sabia que, num certo sentido, isso era estranho, até mesmo indesejável.

Tivemos sorte e uma das duas mesas do Tsuta, ambas as quais têm vista para o jardim secreto do estabelecimento através de uma janela panorâmica descomunal, estava livre e à nossa espera. Quando vou ali sozinho, costumo preferir sentar-me ao balcão, onde fico sempre maravilhado ao assistir à maneira reverencial como Koyama-san prepara o café, mas hoje queria um ambiente mais propício à conversa. Cada um de nós pediu uma chávena do café da casa, mistura feita com um grão torrado, de sabor intenso, e sentámo-nos em ângulo recto, para ambos podermos ver o jardim.

— Há quanto tempo mora em Tóquio? — perguntei-lhe quando nos instalámos.

— Para ser sincera, fui vivendo cá intermitentemente toda a vida — respondeu, misturando uma colher de cristais de açúcar lentamente na sua chávena. — Vivi alguns anos no estrangeiro quando era pequena, mas fui

criada essencialmente em Chiba, que é uma povoação aqui perto. Passava a vida em Tóquio quando era adolescente, para tentar entrar às escondidas nas casas com música ao vivo e ouvir jazz. Depois passei quatro anos em Nova Iorque, onde estudei na Julliard. Depois disso voltei para Tóquio. E você?

— A mesma coisa – fui indo e voltando a vida toda.

— E onde é que aprendeu a pedir café com um sotaque genuinamente nova-iorquino?

Bebi um trago do líquido amargo que tinha à frente e pensei em como responder. Era raro partilhar pormenores biográficos. As coisas que fiz, e continuo a fazer na vida, marcaram-me, tal como o Crazy Jake tinha prometido, e mesmo que as marcas sejam invisíveis para a maior parte do mundo, tenho-as sempre presentes. A intimidade já não me é um conceito familiar. Provavelmente, como por vezes penso com algum remorso, nunca mais me será possível.

Não tenho uma relação a sério no Japão desde que passei a viver nas sombras. Tive meia dúzia de encontros hesitantes, da minha parte superficiais. O Tatsu, e alguns outros amigos com quem já não tenho contacto, tentaram por vezes apresentar-me a mulheres que conheciam. Mas onde é que essas relações podiam chegar, quando os dois aspectos que mais me definem não podem ser mencionados, pois são tabu? Imaginem a conversa: «Cumprí o serviço militar no Vietname.» «Como é que isso aconteceu?» «É que sou meio americano, um mestiço, estás a ver?»

Há algumas mulheres que trabalham no *mizu shobai*, à letra: o comércio da água, que é como o Japão designa o seu *demi-monde*, com quem estou uma vez por outra. Já nos conhecemos há tempo suficiente para que os negócios não se façam a troco de contrapartidas estritamente monetárias, com prendas caras a funcionarem como moeda de troca e a fornecerem o contexto dos encontros, e até existe um certo grau de afinidade de parte a parte. Presumem todas que sou um homem casado, ideia que me torna mais fácil explicar as medidas de segurança subtis que tomo diariamente. Ideia que também torna justificável a natureza suspensa e intermitente das nossas relações, bem como a minha renitência em partilhar pormenores particulares.

Mas também se nota em Midori uma certa reticência, reticência em que ela tinha acabado de abrir brecha ao contar-me um pouco sobre a sua infância. Eu sabia que, se não retribuísse o gesto, não aprenderia mais nada sobre ela.

— Fui criado em ambos os países — disse ao fim de uma longa pausa.

— Nunca morei em Nova Iorque, mas passei lá algum tempo e conheço alguns dos sotaques da região.

Ela arregalou os olhos.

— Foi criado no Japão e na América?

— Sim.

— Como é que isso aconteceu?

— A minha mãe era americana.

Apercebi-me de uma ligeira intensificação do seu olhar, à medida que procurava pela primeira vez indícios caucasianos nos meus traços. Ainda são visíveis, para quem souber o que procurar.

— Não tem um ar muito... quero dizer, parece-me que deve ter herdado acima de tudo o aspecto do pai.

— Há quem se incomode com isso.

— Com o quê?

— Com o facto de eu parecer japonês, apesar de realmente ser outra coisa diferente.

Veio-me por instantes à memória a primeira vez que ouvi a palavra *ainoko*, mestiço. Aconteceu-me na escola e, nessa mesma noite, perguntei ao meu pai o que queria dizer. Ele pôs um ar carrancudo e disse apenas: «*taishita joto nai.*» Não é nada. Mas não tardou que tivesse oportunidade de ouvir essa palavra enquanto os *ijimekko*, os rufias da escola, se encarregavam de tentar rebentar-me a boca toda, e então percebi do que se tratava.

Ela sorriu.

— Não posso falar pelos outros, mas para mim a intersecção de culturas é onde tudo se torna mais interessante.

— Ai é?

— Claro. Basta olhar para o jazz. Tem raízes na América negra, ramificações no Japão e por esse mundo fora.

— Isso é uma postura invulgar. Tipicamente os japoneses são racistas. — Percebi que o meu tom saiu mais amargo do que era minha intenção.

— Não creio que o país seja assim tão racista quanto isso. É só que somos um povo insular há muito tempo e temos sempre medo do que é novo ou desconhecido.

Regra geral, acho este tipo de idealismo face a todas as evidências em contrário irritante, mas reconheci que Midori estava apenas a projectar os seus bons sentimentos para todas as pessoas em volta. Olhando-a nos seus olhos escuros, sinceros, não pude evitar sorrir. Ela sorriu também, abrindo os seus lábios cheios com um brilho nos olhos, e eu tive de desviar o olhar.

— Como foi crescer assim, em dois países, duas culturas? — perguntou-me. — Deve ter sido incrível.

— Para dizer a verdade, foi bastante normal — disse eu, reflexivo.

Ela fez uma pausa, de chávina suspensa a meio caminho dos lábios.

— Não vejo como é que uma situação dessas pode ter sido verdadeiramente «normal».

Cuidado, John.

— Pois não. Para ser sincero, foi difícil. Foi complicado integrar-me em qualquer um dos dois sítios.

A chávena continuou a subir e ela bebeu um trago.

— Onde passou mais tempo?

— Morei no Japão quase até aos dez anos, a partir daí foi sobretudo nos Estados Unidos. Voltei para cá no início dos anos oitenta.

— Para estar com os pais?

Abanei a cabeça.

— Não. Já tinham partido.

O meu tom tornou inequívoca a palavra *partido* e ela acenou a cabeça, com compaixão.

— Ainda era muito pequeno?

— Estava no princípio da adolescência — disse eu, equilibrando as coisas, continuando a tentar manter a informação vaga sempre que possível.

— Isso é terrível, perder ambos os pais tão cedo. Eram muito chegados?

Chegados? Embora o meu rosto estivesse carimbado com as suas feições asiáticas, e embora ele se tenha casado com uma americana, creio que o meu pai tinha uma preocupação exacerbada, tipicamente japonesa, com a questão racial. As tarefas que eu levava na escola enfureciam-no tanto quanto o envergonhavam.

— Suponho que éramos bastante chegados. Já morreram há muito tempo.

— Acha que ainda vai voltar para a América?

— Cheguei a fazer isso uma vez — disse eu, lembrando-me da maneira como tinha sido arrastado para o ramo profissional que me parecia agora ser o meu há uma eternidade. — Depois de ter vindo já adulto, passei aqui dez anos sempre com a ideia de só ficar mais um antes de voltar para lá. Hoje em dia, já não penso muito nisso.

— Considera o Japão a sua terra?

Lembrei-me do que o Crazy Jake me disse, imediatamente antes de eu ter feito o que ele me pediu. *Não há casa para gente como nós, John. Não, depois daquilo que fizemos.*

— É bem capaz de se ter tornado na minha terra — respondi passado um bom bocado. — Então e você? Gostava de voltar a viver na América?

Ela estava a tamborilar ao de leve na chávena, escalando-a com os dedos em ondulações desde o mindinho até ao indicador, e pensei: *ela toca*

estados de espírito. O que fariam as minhas mãos se fosse capaz de fazer o mesmo?

— Adorei estar em Nova Iorque — respondeu passado um momento, sorrindo lembrada de alguma recordação —, e gostava de voltar um dia destes, talvez até para passar lá uma temporada. O meu agente julga que a banda não está muito longe disso. Temos um concerto para dar no Vanguard em Novembro; isso há-de pôr-nos definitivamente no mapa.

O Village Vanguard é a Meca do jazz ao vivo em Manhattan.

— No Vanguard? — atirei, impressionado. — Isso tem bastante pedigree. Coltrane, Miles Davis, Bill Evans, Thelonious Monk, tocou lá o panteão todo.

— É uma grande oportunidade — comentou ela, anuindo.

— Podem tirar proveito disso e fazer sede em Nova Iorque, se quiserem.

— Logo se vê. Não se esqueça que já morei em Nova Iorque. É uma grande cidade, talvez o sítio mais excitante onde alguma vez estive. Mas é como nadar debaixo de água, não é? Primeiro fica-se com a sensação de que podíamos continuar ali para sempre, a ver tudo daquela nova perspectiva, mas, mais cedo ou mais tarde, há que vir à tona para apanhar ar. Ao fim de quatro anos, era altura de voltar para casa.

Estava aqui a minha aberta.

— Os seus pais devem ser bastante indulgentes, para se terem disponibilizado para mandá-la tanto tempo para o estrangeiro.

Ela esboçou um sorriso ténue.

— A minha mãe morreu quando eu era pequena – como a sua. O meu pai matriculou-me na Julliard. Adorava jazz e ficou felicíssimo por eu querer ser pianista de jazz.

— A *Mama* contou-me que ele faleceu há pouco tempo — disse eu, ouvindo o eco mortício das palavras nos meus ouvidos. — Os meus pêsa-mes. — Ela vergou a cabeça em resposta à minha expressão condoída e perguntei-lhe: — O que é que ele fazia?

— Era um burocrata. — Isso é uma profissão honrosa no Japão, e a palavra japonesa *kanryo* não tem as conotações negativas que marcam a correspondente em inglês.

— Em que ministério?

— Fez a maior parte da carreira no Kensetsusho. — O Ministério da Construção.

Estávamos a fazer progressos. Reparei que esta manipulação me fazia sentir incomodado. *Acaba a entrevista, pensei. Depois põe-te a milhas. Ela deixa-te desorientado; isto é perigoso.*

— O Ministério da Construção deve ter sido um escritório muito enfadonho para um entusiasta de jazz — comentei.

— Às vezes era difícil para ele — reconheceu, e apercebi-me de súbito de que estava algo defensiva. Não tinha mudado de postura, mantinha a mesma expressão, mas de alguma maneira, percebi que se estava a preparar para dizer mais e depois pensara duas vezes. Se lhe toquei nalgum ponto sensível, ela mal acusou o golpe. Não devia estar à espera que eu reparasse na reacção.

Assenti, espero que de modo tranquilizador.

— Tenho alguma experiência com a falta de à-vontade no meio que nos rodeia. Pelo menos a filha do seu pai não tem problemas desses — dar concertos no Alfie faz todo o sentido para uma pianista de jazz.

Senti aquela tensão estranha durante mais um segundo, depois ela riu-se suavemente, como se tivesse decidido deixar qualquer coisa para trás. Não sabia em que ponto lhe tinha tocado, mas havia de pensar nisso mais tarde.

— Portanto, quatro anos em Nova Iorque — disse eu. — Isso é muito tempo. Deve ter voltado de lá com perspectivas muito diferentes.

— Voltei. Quem volta de uma temporada no estrangeiro não é a mesma pessoa que partiu para lá inicialmente.

— Como assim?

— A nossa maneira de ver o mundo altera-se. Deixamos de ignorar aquilo em que não pensávamos duas vezes. Por exemplo, reparei que em Nova Iorque, quando um táxi cortava o caminho a outro, o condutor que era empatado gritava sempre com o outro motorista e fazia isto — fez uma imitação perfeita de um taxista nova-iorquino a mostrar o dedo a alguém —, e percebi que isso se devia ao facto de os americanos partirem do princípio que a outra pessoa tinha intenção de fazer o que fez, portanto querem dar uma lição ao culpado. Mas como sabe, no Japão as pessoas muito raramente se zangam nesse tipo de situação. A meu ver, os japoneses encaram os erros do próximo mais como algo de arbitrário, como o clima, e não tanto como um motivo para se zangarem. Nunca tinha pensado nisso antes de ter vivido em Nova Iorque.

— Também já tinha reparado nessa diferença. Gosto mais da maneira de estar japonesa. É algo a que devemos aspirar chegar.

— Mas qual dos dois é você? Japonês ou americano? Em termos de visão do mundo, quero eu dizer — acrescentou rapidamente, se bem entendi com medo de me insultar ou de ser demasiado frontal.

Olhei para ela, pensando por instantes no seu pai. Lembrei-me de outras pessoas com quem trabalhei e de quão diferente podia ter sido a minha vida se nunca as tivesse conhecido.

— Não sei bem — respondi, finalmente, desviando o olhar. — Como parece ter reparado no Alfie, não sou uma pessoa muito delicada.

Fez uma pausa.

— Posso fazer uma pergunta?

— Claro — respondi, sem saber o que ali vinha.

— Do que estava a falar quando disse que o «salvámos»?

— Só estava a tentar fazer conversa — disse eu. Soou a falta de respeito e vi-lhe imediatamente nos olhos que tinha sido a resposta errada.

Tens de lhe mostrar qualquer coisita, pensei outra vez, sem saber ao certo se estava a fazer uma cedência ou uma racionalização. Suspirei.

— Estava a falar de certas coisas que fiz, coisas que sabia, ou que me convenci de que sabia estarem certas — disse, agora em inglês, língua em que estava mais à vontade para falar sobre este tema. — Mas depois vim a saber que não estavam. Às vezes essas coisas assombram-me.

— Assombram? — perguntou ela, sem perceber.

— *Borei no yo ni*. — Como um fantasma.

— A minha música espantou esses fantasmas?

Acenei com a cabeça e sorri, mas o sorriso tornou-se triste.

— Espantou. Vou ter de ouvi-la mais vezes.

— Porque eles não-de voltar?

Porra, John, muda de assunto.

— A verdade é que estão sempre lá. *Sugita koto wa, sugita koto da*. — O que já foi, já foi.

— Tem remorsos?

— Não temos todos?

— Provavelmente, mas os seus são como os dos outros?

— Isso não lhe sei dizer. Não costumo fazer comparações.

— Mas acabou de fazer uma.

Ri-me para dentro.

— És lixada — foi a única coisa que me ocorreu dizer.

Ela abanou a cabeça.

— A intenção não é essa.

— Acho que é, mas fica-te bem.

— Então e não concordas com quem diz: «só me arrependo daquilo que não fiz»?

Abanei a cabeça.

— Isso é o que os outros dizem. Deve ter sido inventado por alguém que passou muito tempo em casa.

Sabia que hoje não havia de descobrir mais nada sobre o pai dela ou o desconhecido sem fazer perguntas que denunciariam a minha verdadeira intenção em fazê-las. Estava na hora de começar a fechar a conversa.

— Ainda tens mais compras para fazer hoje? — perguntei.

— Até tinha, mas tenho de me ir encontrar com uma pessoa em Jindocho daqui a menos de uma hora.

— Um amigo? — perguntei, por curiosidade profissional.

Ela sorriu.

— O meu agente.

Paguei a conta e voltei à Aoyama-dori. As multidões tinham começado a dispersar-se e o ar parecia frio e pesado. A temperatura tinha vindo a baixar nas duas semanas e meia desde que eliminara o Kawamura. Olhei para o céu e vi-o carregado de nuvens.

Tinha-me divertido muito mais do que esperava – na verdade, mais do que queria, mas o frio rompeu os meus devaneios, despertando memórias e dúvidas. Olhei para a cara da Midori, pensando: *o que é que eu lhe fiz? O que é que lhe estou a fazer?*

— O que foi? — perguntou ela, vendo o meu olhar.

— Nada. Só estou cansado.

Olhou para a direita, depois novamente para mim.

— Fiquei com a impressão de que estavas a olhar para alguém.

Abanei a cabeça.

— Só para nós.

Fomos andando, os nossos passos repercutidos em ecos suaves. Então, ela perguntou-me:

— Queres vir ver-me tocar outra vez?

— Gostava disso. — Que coisa tão estúpida para se dizer. Mas não tinha obrigação de cumprir o compromisso.

— Toco no Blue Note na sexta e no sábado.

— Eu sei — disse eu, outra estupidez, e ela sorriu.

Mandou parar um táxi. Abri a porta para ela entrar, enquanto uma parte irritante de mim perguntava como seria entrar no carro com ela. Quando o táxi se afastou da berma, ela abriu a janela e disse:

— Não tragas companhia.